devem arriscar-se, para d'um a outro dia duplicarem seus capitaes.

Dou os parabens ao sr. Batalha; aos capitalistas compradores, e tambem á Villa de Portel por ter no seu municipio uma tão grande fonte de riqueza, de que deve aproveitar-se. *P. R.*

CONSIDERAÇÕES AGRONOMICAS SOBRE O CONCELHO DE CASTELLO DE VIDE

I

D'entre as immensas questões economicas que a industria agricola em si contém, e que se nos antolham como vitaes para o desinvolvimento e progresso da agricultura nacional, forçoso nos é desentranhar algumas que mais particularmente dizem respeito a este concelho, e por ventura a todo o districto, deixando para as intelligencias mais acepilhadas na resolução dos problemas agronomicos, outras para que não são sufficientes a exiguidade dos nossos recursos, e a escassez do tempo, que nos sobra das nossas impreteriveis obrigações. Adstrictos de mais a mais ao nosso humilde papel de escriptores d'aldeia, é preciso não offender a exquisita susceptibilidade das summidades officiaes, que do alto da sua infallibilidade cidadan estão sempre prestes, como Jupiter, a fulminar e agrilhoar sôbre um rochedo os infelizes Prometheus, que se arrojam ao attentado inaudito d'escalar o throno das suas inauferiveis immunidades.

Le monde marche, diz Pelletan; e este axioma, que é uma traducção do — *e pur se muove* — de Galileu, mais latitudinaria na verdade, porque abrange o incessante caminhar de muitas gerações, influe tão magicamente sôbre o espirito dos que se deixam arrastar pela mão mysteriosa do destino, e dos que crêem na religião do futuro, que, em que peze aos superciliosos defensores das formulas classicas do passado, é dado hoje a todo o homem respigar nos campos da sciencia as verdades, que o trabalho e o estudo põem ao alcance de todas as intelligencias.

II

É hoje verdade familiar entre todos os homens intelligentes, dedicados aos estudos practicos e theoricos da agricultura, a necessidade de radicar entre nós o systema ou theoria dos afolhamentos, denominado tambem de cultura alterna, de rotação ou giro de culturas, que caracterisa a terceira epocha, e a última das revoluções, por que progressivamente tem passado a agricultura. Não é possivel, nas limitadas proporções d'um artigo de jornal, percorrer extensamente as variadas phases, que estas ciencia atravessára, desde que a historia nos inicia na constituição rudimentar das sociedades, até á epocha em que vivemos. Seja-nos porém licito, para filiarmos as nossas ideias, e definir a ordem e successão natural dos factos, debuxar em rapidos traços o quadro historico da agricultura.

Manifestação mais ou menos sensivel do grau de civilisação d'um povo, a agricultura é como uma das pedras de toque, por onde a philosophia historica póde aferir o desinvolvimento das sociedades, nas eras que já lá vão. Á vida errante e pastoril das tribus, nas epochas primitivas da especie humana, não podia adaptar-se outro systema agricola, se tal nome lhe pertence, que não fôra a agricultura nomada ou pastoril. Contemporaneos dos povos caçadores, os povos pastores eram essas tribus patriarchaes do oriente, que não tendo domicilio permanente assentavam e levantavam aqui e alli as suas tendas, e cifravam nos seus rebanhos toda a sua propriedade.

Guiado o homem pelo instincto e sentimento de liberdade e personalidade, deu mais ampla significação á ideia e ao facto da propriedade. Da necessidade da posse segura e tranquilla dos objectos uteis e necessarios á vida, nasceram as grandes associações, chamadas nações, em que as fôrças individuaes se contrabalançassem, e se garantisse, apar do bem geral da communidade, o direito imprescriptivel de cada um. Foi então que appareceu organisada e garantida a propriedade; ou ella fôsse beber a sua origem aos direitos individuaes, typos immutaveis que a natureza moldou na organisação do homem, e aos contractos ou convenções primitivas, tacitas ou expressas; ou a sociedade reconhecesse a occupação, como fonte legitima de direitos, ou a lei civil creasse condições para a sua instituição e organisação, como a appropriação das cousas, a sua especificação ou transformação, fundadas no trabalho.

Com esta organisação das sociedades era mister que coincidisse uma nova transformação na agricultura. D'aqui data a segunda epocha agronomica, denominada systema de pousios ou descanso das terras, ou systema d'agricultura de pasto e lavôr. Os terrenos são divididos em folhas ou porções, destinadas alternada e successivamente ou á pastagem de rebanhos, ou a cultura de cereaes, e raras vezes a outras culturas. Depois de vinte seculos de dominio, o systema dos pousios teve de ceder o logar a uma outra innovação agricola. Derrocado no campo da sciencia, convencido de insufficiente e ineficaz no campo da práctica, hoje apenas se asyla 'nalguns terrenos, que pertencem a nações, em que apenas têm penetrado os primeiros raios da moderna civilisação; em que a iniciativa dos agricultores é quasi nulla; em que a rotina é ainda a norma das artes e das sciencias; e em que os filhos do trabalho ainda não quizeram ou souberam desfazer os obstaculos, que explicam, mas nem sempre justificam a vida precaria dos pousios.

A par da liberdade do homem e da terra e da emancipação da industria e do trabalho, do progressivo desinvolvimento da população, da successiva divisão da propriedade, da gradual apparição de novas necessidades sociaes; apar de todas estas e outras muitas condições da vida social, não podia deixar de surgir a última revolução agricola, o systema dos afolhamentos, effeito necessario d'umas e causa efficiente d'outras.

III

Na definição d'*André Thouin* entende-se por afolhamentos — a arte de fazer alternar as culturas no mesmo terreno, para auferir constante e permanentemente d'elle a maior somma de productos, com a menor despesa possivel.

Foi na natureza, 'nesse livro sagrado do genero humano, que o homem aprendeu a arte moderna dos afolhamentos. Amestrado pela experiencia, e pelas reiteradas observações sôbre o terreno, o homem dos campos convencêra-se a final, que os individuos da escala vegetal obedeciam geralmente a uma lei constante de crescimento, reproducção e desapparecimento. 'Numa parte eram diversas especies invadindo, com exclusão d'outras, um terreno, mantendo-se e enraizando ahi por mais ou menos tempo a sua existencia, sem que outras especies ousassem vir crescer ao seu lado. Mas passado algum tempo aquelles individuos, começando gradualmente de definhar-se, eram sacrificados á usurpadora invasão de plantas differentes, que acabavam finalmente por senhorearem o terreno, com destruição mais ou menos completa de suas antecessoras. 'Noutra parte eram os vegetaes destruidores das cearas, que alternando no mesmo solo, obedeciam sensivelmente á lei immutavel das producções variadas.

A theoria dos afolhamentos estava pois descuberta na natureza: restava ao homem desinvolvel-a e utilisal-a pela arte, a fim de resolver o problema economico do augmento e variedade de producções agricolas, que bastassem ás crescentes necessidades da população, agglomerada 'nalguns pontos da terra, em consequencia da divisão da propriedade, e d'outras muitas condições, que iam mudando o viver das sociedades.

Castello de Vide — outubro — 1861.

J. A. Sanctos e Silva.

(*Continúa*)

O DISTRICTO DE PORTALEGRE NA FUTURA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE LONDRES

São as exposições universaes dos productos industriaes dos diversos paizes as mais brilhantes festas, e as mais proficuas em optimos resultados para o progresso e civilisação das nações. São o abraço fraternal de todos os obreiros do progresso para o conseguimento do grande fim da maior intimidade commercial de todos os paizes; um grande passo para a realisação do grande princípio = *liberdade commercial.*

Nenhum só cantinho de terra, por mais obscuro, deve deixar de ir sentar-se 'naquelle civilisador festim das nações; todos os povos devem fazer-se alli representar pelos productos da sua actividade industrial, mostrando ao mundo que não estão mortos para o progresso.

O districto de Portalegre tinha deixado adormecer-se, descurando o dever de enviar os documentos da sua industria ao jury universal aproximando-se o termo do praso para em Lisboa se reunirem os productos para a exposição de Londres, sem que ao menos os habitantes d'aquelle districto se lembrassem de que devia ter logar aquella exposição.

Era este o estado das cousas, quando d'aquella localidade partimos para aqui.

É com a maior satisfação que hoje vemos no número 157 do *Transtagano* de 31 de outubro, que, graças ao zêlo, actividade e patriotismo do dignissimo governador civil do districto, e á intelligencia e acertados trabalhos 'neste sentido do distincto agronomo, Eduardo Dias Grande, o districto de Portalegre será dignamente representado na grande festa das nações.

Damos os parabens ao districto, e tributâmos os devidos louvores ao magistrado zeloso intelligente e progressista, que por todos os motivos se tem tornado credor da estima e sympathias dos seus administrados, assim como ao digno agronomo, de cuja intelligencia, e vastos conhecimentos agronomicos temos, todos os seus patricios, exuberantes provas.

Faremos votos pelo completo restabelecimento da saude d'este último senhor, que infelizmente para as esperanças do districto, não era 'nestes ultimos tempos muito satisfatoria. *F. d'A. Caldeira Queiroz*

Commemoração do anniversario do dia 1.° dezembro de 1640

Nos capitulos geraes apresentados a El-Rei D. João IV, nas côrtes celebradas em 28 de janeiro de 1641, vê-se que o estado do povo propoz o seguinte:

«Pedimos a Vossa Magestade, que pois a «virtude do agradecimento é a de que Deus «mais se penhora, para continuar nas mercês, «e accrescentar nos Imperios, em reconheci«mento da mercê, que este Reino recebeu da «Poderosa Mão de Deus, no 1.° de dezembro «de 1640, em o livrar do captiveiro, em que «estava, seja Vossa Magestade servido mandar «ordenar, que no dito dia se faça cada anno «uma procissão solemne em todos os logares «do Reino, na fórma das mais procissões da «obrigação das Camaras.»

A cujo pedido do povo deu El-Rei esta resposta:

«Assim o tenho mandado nos logares que «convém, e vos agradeço a lembrança que «'neste particular me fazeis» (*a*)

Do exposto deduz-se: *primo* que El-Rei já antes das côrtes havia ordenado, que se fizesse uma procissão solemne, para se commemorar o glorioso dia 1.° de dezembro de 1640; *secundo* que por ser do agrado d'El-Rei a proposta apresentada pelo povo, elle a approvou: e *tertio*, que as camaras são obrigadas a fazer todos os annos uma procissão solemne, na fórma das mais procissões da sua obrigação, por fôrça da disposição da carta patente de 12 de setembro de 1642, que manda, que *em tudo e por tudo se cumpram e guardem, e hajam effeito todas as coisas contidas em cada uma das dictas respostas, sem duvida nem minguamento algum.* (*b*)

Não temos até agora noticia de haver El-Rei D. João IV ordenado á camara de Coimbra anteriormente a 1642, que fizesse uma tal procissão; mas consta-nos que o Bispo Conde, João Mendes de Tavira, ordenou em 1640, que se fizesse em acção de graças uma procissão, a que elle assistiu, sahindo da Sé para Sancta Cruz, onde prégou o jesuita Gaspar Correia *com grande successo* e applauso dos ouvintes, e que esta procissão tivera logar no dia 6 de dezembro de 1640, que foi o immediato áquelle, em que constou 'nesta cidade a acclamação d'El-Rei D. João IV. (*c*)

É certo, porém, que a Camara Municipal d'esta cidade sempre se considerou obrigada a uma tal festa nacional, e tanto que no Compendio das suas obrigações annuaes se consigna a seguinte obrigação: — Dezembro — A «primeira procissão d'acção de graças pela «acclamação d'El-Rei D. João IV no anno de «1640. Dá a Camara o sermão e assiste á «Missa; sáe da Sé e torna a ella; ha bandei«ra real.»

Era portanto a Camara obrigada a dar 'nesse dia um sermão, a assistir e a acompanhar com a bandeira real a procissão, que sahia da Sé e a ella voltava.

Consta-nos que a funcção religiosa ainda se fez no seculo actual á custa do cabido na Sé Cathedral, d'onde sahia a procissão acompanhada pelo mesmo cabido, beneficiados da Sé, priores e beneficiados das collegiadas, e por todos os frades, com excepção d'aquelles que pertenciam ás ordens monachaes, por serem a isso obrigados pela Constituição do Bispado de 1590, que no tit. 21 determina:

«Que em todas as procissões solenes, que «n'esta cidade se fazem, como são a de Cor«pus Christi, Visitação, Anjos e Ladainhas, e «nas festas de quaresma, e na outava do Es«pirito Santo, tanto que se tanger o relogio «da See, ou outro sino para se começar a dicta «procissão, todos os Priores e Beneficiados da «cidade e os religiosos que a ellas são obri«gados, e costumão a vir, se ajuntẽ logo nella «em quãto se tange o dito Sino, o qual se «tangera hũa hora continuada, cõ suas Cruzes «e Sobrepelizes em ordẽ de Collegio, como até «agora fizerão: & as Sobrepelizes lavadas & «boas, como cõuem, que os Sacerdotes e Be«neficiados levẽ em autos tão publicos & assi «os tesoureiros, que levão as Cruzes: & de«baixo das Sobrepelizes levarão todos roupe«tas cõpridas, q̃ lhe chegũe aos artelhos. E «todos os que não forẽ juntos na nossa See em «quãto se tanger o dito Sino encorrerão em «pena de cinco cruzados para a See e Mey«rinho sem remissão, e sendo Religiosos isen«tos se lhe tornarão das tenças ou esmolas, q̃ «de nós ou nosso Cabido tiverẽ.

..... «E por q̃ nestas procissões solenes, «em que vae o nosso Cabido.....»

Todos os cidadãos eram obrigados a acompanhar a procissão, sem que para isso fôsse necessario aviso, e os convidados a pegar nas varas do pallio, que faltassem, eram presos na cadeia e pagavam 'nella a condemnação que lhes fôsse imposta pela Camara (*d*).

'Nesta procissão ia, segundo nos dizem, debaixo do pallio uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de prata, e dava a mesma volta que a procissão de Corpus Christi.

A Universidade solemnisava o anniversario da acclamação de D. João IV da seguinte fórma: havia um prestito, que no dia 30 de Novembro, á tarde, ia a S. Bernardo, e no dia 1.° de Dezembro voltava o corpo universitario á mesma egreja aonde assistia á funcção religiosa dos frades d'aquelle convento.

Abolidos porém todos os prestitos pela Sr.ª D. Maria 1.ª, acabaram as demonstrações públicas da Universidade, perdendo-se com o prestito um feriado, que ainda hoje deveria existir para bem da mocidade estudiosa, sempre ávida de feriados (*e*).

A. T. F. da Costa.

(*a*) Collecção Chronologica da Legislação por José Justino d'Andrade e Silva, segunda serie de 1640—1647, pag. 28.

(*b*) Idem a pag. 58.

(*c*) D. Gregorio d'Almeida, Restauração de Portugal Prodigioso.

(*d*) Util compendio das obrigações annuaes.

(*e*) Artigos decididos sôbre a economia das aulas, actos e acções academicas, mandados observar pela C. R. de 28 de Janeiro de 1790.

Um nosso assignante pede-nos a publicação do seguinte:

Pergunta-se: quando e como se faz a Academia representar para as festas do 1.° de dezembro?

Errata

No número 4, Protecção á agricultura, lin. 28, onde se lê — o presente trouxe o passado no seio — leia-se — o presente trouxe-o o passado no seio.

A NECESSIDADE DO IMPOSTO

> Puisque l'impôt est une partie de la fortune des citoyens, il n'est vraiment légitime que toutes les fois que l'État leur procure, en échange de ce sacrifice, un avantage équivalent.
>
> JOSEPH GARNIER

É para nós ponto de fé, que, sem se derramar pelo povo a instrucção primária acompanhada dos verdadeiros principios de moralidade, sem que seja evangelisado com os principios elementares das sciencias sociaes, jámais se poderá conseguir uma verdadeira e solida illustração.

Não se pense que queremos fazer de cada homem um doutor, ou um academico: o que queremos é que se lhe não negue o primeiro pão do espirito a que todos têm direito: o que queremos é que seja retemperado pelo baptismo da moralidade e da educação, como foi purificado do peccado de origem pelas aguas lustraes: o que queremos é que o povo seja povo, que compare e raciocine, e não cego instrumento d'ouro dos poderosos, ou joguete dos tribunos das praças.

Façâmos, pois, por lhe rasgar o veu da ignorancia, moralisando e educando.

Façâmos com que se dissipem prejuizos tantas vezes aproveitados em favor de alguns.

Desbravemos e desenraizemos este campo inculto das plantas parasitas, que não deixam medrar as productivas.

Arroteêmos, que sasonadas messes hemos de colher.

Mas para isto é necessario trabalhar, é mister combater prejuizos pela sciencia.

Ninguem ignora a má vontade e aversão com que o povo satisfaz as leis tributárias: ninguem ignora quanto se revolta contra o govêrno, contra empregados, alcunhando-os de nomes bem pouco favoraveis ás suas reputações.

Longe de mim, não me convencer de que occasiões ha, em que o povo vocifera com justo motivo; é certo, porém, que 'nelle existe o prejuizo de que as leis tributárias são sempre um arbitrio, revertendo em beneficio de poucos, e quem menos precisa é a nação, porque diz elle: «O estado é muito rico.» Eis a razão por que lhe damos uma ideia de imposto, ainda que breve e concisa.

Bastantes têm sido os economistas, que têm tractado este importantissimo assumpto, como Garnier, Sully, E. de Girardin, cujas ideias nos parecem as mais simples e palpaveis.

«O imposto, diz Girardin, é um quanto que os membros d'uma sociedade, a que se dá o nome de nação, pagam para lhes assegurarem o pleno góso dos seus direitos, a efficaz protecção de seus interesses e o livre exercicio de suas faculdades.»

Estas ideias sensatas de tão insigne escriptor são por certo das mais razoaveis; porque, sendo necessario a qualquer sociedade quem a governe, quem a instrua, quem administre e distribua justiça, mantendo a boa ordem e garantindo a segurança pública e individual, protegendo o sagrado direito de propriedade, sem o que não haveria progresso; as faculdades do homem não se desinvolveriam; e não lhe sendo garantido e respeitado o producto do seu trabalho, faria com que elle preferisse a ociosidade e o descanso.

Como não ha individuo, por mais inferior que seja o logar que occupe na escala social, que não possa ser util ao seu similhante, e que pelos seus esforços não produza alguma cousa, vê-se claramente a urgencia d'um govêrno, que pelos seus delegados deixe a todos a livre esphera d'acção para se desinvolver e trabalhar.

Esta organisação governativa e administrativa demanda meios para fazer face ás despesas; claro é, que recebendo todos (segundo o que produzem) beneficios do govêrno, é certo que cada um deve contribuir com um quanto proporcional ás vantagens que lhe são offerecidas—por exemplo, o individuo director d'uma industria qualquer, que emprega capitaes, máchinas, instrumentos e milhares de objectos indispensaveis á sua empreza, é quem lucra mais na segurança pública e individual, na manutenção da boa ordem, na factura de vias ferreas e estradas ordinarias, para que os seus productos se facilitem e tenham grande consumo, podendo ser vendidos mais baratos e melhores: é racional que este individuo concorra com uma subvenção para o estado, dupla ou triplicada, do que a do simples operario e pequeno industrial, que apenas tem, relativamente fallando, pequeno interesse na boa harmonia e ordem social.

Assim as contribuições não são mais do que uma troca que faz o cidadão com o seu govêrno, para que lhe garanta todas as condições para a consecução do fim a que visa.

Segue-se do que levâmos dicto que os governos têm restricta obrigação de bem administrar as rendas públicas, de não as desviar do fim para que são applicadas, correspondendo assim á confiança do cidadão que lhes entrega o producto, alcançado com o suor do seu rosto.

É de grande utilidade, que os governos tenham toda a cautela de não vexar o cidadão, obrigando-o a pagar mais do que deve, bem como a execução das leis tributárias sejam feitas na proporção devida, adoçando-as quanto for possivel.

'Nisto é que está a perfeita egualdade.

É sabido por todos que têm algumas luzes de Economia Politica, d'essa sciencia que a phrase elegante do philosopho Bastiat tanto faz realçar, que, sobrecarregar o povo com demasiados tributos, é não só injusto, porque a subvenção não é mais do que a compensação das garantias que offerece o estado, mas anti-economica; porque, logo que o imposto obrigue o industrial a entrar pelo capital, depois de consumido todo o rendimento líquido, a industria se enfraquecerá e porisso a riqueza da nação irá successivamente diminuindo.

A impossibilidade de novas empresas ha de apparecer, e o amor ao trabalho não existirá: a immoralidade campeará ufana e o pauperismo com toda a sua hediondez commetterá todos os crimes, que não poucas vezes dão serios cuidados aos governos.

Concluimos, dizendo, que são de absoluta necessidade os impostos, sem o que não ha govêrno; e o trabalho, base da propriedade, jámais poderá ser respeitado; as leis tributárias devem estar em proporção com as fôrças productivas do paiz para o qual são legisladas: o contrário produzirá a desanimação, dando azo a que os povos commettam excessos sempre prejudiciaes, ainda que alfim os seus foros sejam considerados, ou que do seio revolucionario brote uma ideia grandiosa aspergida pelo sangue de milhares de individuos, que fanatisados se offerecem em holocausto.

Queremos que se tacteie com toda a imparcialidade o quanto com que cada individuo póde contribuir, para que ninguem seja prejudicado, e que nunca o industrial seja obrigado a ultrapassar o rendimento líquido e entrar pelo capital.

Podemos affiançar, logo que a imparcialidade, a distribuição tributaria não vexatoria, o bom emprêgo das rendas públicas, seja o mote do legislador e do executor, os povos, de boa vontade, se prestarão a dar parte das suas rendas e a concurrerem com o seu trabalho para verem prosperar o seu paiz e gosarem das commodidades que traz a civilisação. *V. A.*

ELEIÇÕES MUNICIPAES

Está proximo o dia em que devem ser eleitos os administradores da fazenda municipal para o biennio de 1862-1863.

O povo sabe o que lhe cumpre fazer no exercicio do seu mais elevado direito, e não deve por isso menosprezar a emissão do seu suffragio sôbre a escolha dos representantes dos interesses locaes.

Fazemos votos para que a eleição seja feita como manda a lei do estado, e que os cidadãos não sejam arrastados á urna para votarem em pessoas menos aptas, que sacrifiquem os interesses e necessidades públicas, ás exigencias d'algum *senhor feudal*.

É aos nossos concidadãos do Alemtejo a quem nos dirigimos, porque como humildes soldados d'esta sancta e gloriosa cruzada do progresso público, é a favor d'esses, que temos de erguer a voz e fallar-lhes sem outras aspirações, que as da verdade e da consciencia.

Terras conhecemos nós, como no districto d'Evora por exemplo, em que as pessoas menos competentes, são exactamente aquellas, que a auctoridade, pela sua influencia local, lá elevou, quando é certo, que se não houver uma eleição livre, espontanea e verdadeiramente popular, a camara não será verdadeira representante do povo, e não poderá porisso corresponder ao seu fim; o povo não terá confiança 'nella, e o resultado é não podêr o govêrno tirar utilidade d'este elemento para adquirir a *fôrça moral*.

Além d'isso, se não houver uma eleição verdadeiramente popular, nunca a camara poderá advogar cabalmente os interesses do povo, e defendel-o dos ataques dos elementos monarchico e aristocratico. E oxalá que as auctoridades saibam respeitar os direitos do suffragio popular, e manter-se no campo da lei.

Dizemos, pois, aos nossos concidadãos com a mão no coração — o suffragio que ides lançar na urna deve ser dictado pela vossa consciencia, porque da boa escolha que fizerdes, resultarão os vossos interesses e melhoramentos da localidade.

Usae, pois, do vosso direito, fazei-o valer.

A reputação de que justamente gosam os actuaes chefes dos districtos affiançam-nos toda a legalidade e liberdade eleitoral. *A.*

CONSIDERAÇÕES AGRONOMICAS SOBRE O CONCELHO DE CASTELLO DE VIDE

(Continuado do n.º 5)

IV

Após a theoria experimental, vieram as theorias especulativas. O homem como que se julga offendido no seu orgulho d'ente dotado de razão, quando não fôrça a intelligencia a fornecer-lhe uma explicação, que sirva de causa immediata, ou razão sufficiente do facto que descobriu.

Alguns philosophos, como Raspail, pretenderam explicar os afolhamentos pela absorpção electiva, em virtude da qual umas plantas tiram da terra certos principios nutrientes, ou saes, com exclusão d'outros; d'elles se incrustam, como mais convenientes á sua organisação, subtrahindo-os por conseguinte a futuras vegetações, e deixando d'est'arte livres aquelles, que mais convenham a outras plantas.

Outros foram buscar a razão explicativa aos diversos graus de profundidade, em que as raizes das diversas plantas encontram os succos nutrientes. De Candolle, fazendo suas e desinvolvendo as ideias d'antemão produzidas por Brugmam, deu uma outra explicação, que parece ser actualmente a mais plausivel, e geralmente a mais seguida. Mostrando as bases falsas da theoria de Raspail, porque as plantas as mais dissimilhantes absorvem indefferentemente com a agua todas as substancias soluveis, que ella contém, ainda que sejam nocivas á sua economia, e porque só no interior da planta é que ha eleição das materias mineraes; mostrando por outro lado, que as restantes explicações umas eram insufficientes, outras restrictas, fundou nas excreções das plantas as suas ideias physiologico-vegetaes.

De Candolle faz differença entre esgotamento e cansaço de terrenos. Terreno cansado é aquelle em que um dado vegetal determina a esterilidade, quer para os individuos da mesma especie, quer para os do mesmo genero e familia, mas não lhe rouba a fecundidade para outros vegetaes. O esgotamento estende-se a quasi todos os vegetaes: o solo fica ermo de alimento, todo o individuo com raras excepções, que 'nelle tenta vegetar, fenece immediatamente. O cansaço é especifico; ha a alteração do solo, 'numa certa área, pela mistura de principios pestilentes, devidos á excreção das raizes. A papoula e o euphorbio, deteriorando o terreno para a grande maioria dos vegetaes, são um exemplo vivo do esgotamento. O pecegueiro, inhabilitando a terra, em que viveu, para a replantação d'um outro pecegueiro, mas deixando-a apta para aviventar uma outra arvore, é um exemplo sensivel do cansaço.

A admissão d'esta theoria, que parece contar tambem bastantes excepções, a que não póde, como as outras theorias, satisfazer, explica certos factos, que até ahi careciam de satisfatoria explicação. Comprehende-se por ella como a familia das leguminosas prepara favoravelmente o terreno para a vegetação das gramineas.

V

A par da theoria chimico-physiologica dos afolhamentos nasce a sua theoria physica. Mais resumida que a primeira, póde reduzir-se a um só principio: *entreter a terra pela combinação de culturas variadas, 'num estado conveniente de mobilisação e limpesa.*

Fazendo preceder e seguir as culturas esgotantes por outras tendentes a restituir ao solo sua fecundidade, temos assentado e seguido um principio geral, deduzido das precedentes considerações, e que é um dos eixos principaes, em que se volve o systema dos afolhamentos.

Em frente das culturas consideradas como as mais esgotantes devem de ser collocados os cereaes, a colza, o linho, e todas as plantas, cujos fructos 'nellas amadurecem; porque durante a epocha da maturidade, sêccas e cahidas as folhas, são as raizes os unicos orgãos, que satisfazem á necessidade da vegetação. As culturas consideradas como fertilisantes são as ceifadas antes da fructificação, como o trevo, o sanfeno, a luzerna, as gramineas perennes, cujas raizes e folhagem são enterradas pelos amanhos; são as arvores e arbustos, que enriquecem annualmente a terra com os seus despojos; são as culturas enterradas em verde, na epocha da sua florescencia, como os tremoços, e trigo mourisco; são as pastadas no terreno como o nabo e a rutabaga.

Um outro principio geral para o systema dos afolhamentos, e que é deduzido do primeiro, consiste em fazer succeder, tanto quanto for possivel, plantas d'uma certa especie, genero e familia, a plantas d'especies, generos e familias differentes. Esta regra tem com tudo bastantes excepções; terrenos ha tão vigorosos e tão ferteis, que produzem, sem intercalação, colheitas numerosas e abundantes do mesmo fructo. O trigo, a cevada, o milho, o canhamo, o proprio linho, considerado como uma das plantas, que mais fatigam a terra, dão-nos, 'nalguns paizes, exemplos convenientes d'estas excepções. Terrenos ha, que vivem por tanto emancipados da lei da alternação, em quanto outros, com maiores ou menores intervallos, não podem eximir-se d'esta lei fatal da natureza.

O terceiro principio da lei dos afolhamentos consiste em substituir no mesmo terreno alternadamente as culturas, que facilitam o crescimento das hervas ruins, por aquellas que as embaraçam ou destroem. Debaixo d'este ponto de vista as culturas sachadas devem, sempre que for possivel, alternar com aquellas que o não são. O trevo 'num terreno bem preparado e estrumado, em que a sua vegetação seja rapida e vigorosa, subtrahindo o solo ao ar e aos raios luminosos, pela densidade das folhas e dos caules, e suffocando por conseguinte as plantas mais jovens e mais debeis, é um outro exemplo da verdade do principio ultimamente exposto.

Todas estas condições d'um bom afolhamento, e outras muitas, que se poderiam desinvolver, relativamente á alternação das plantas de folha estreita com as de folha larga; á alternação das de raizes fibrosas com as que as têm alongadas ou bolbosas; á applicação dos estrumes, sachas, e outros amanhos; ás culturas mais lucrativas e esgotantes; á facilidade, regularidade, e economia das culturas; podem reduzir-se ao seguinte

theorema: *Entreter o solo 'num estado de fertilidade constante; empregar a menor quantidade d'adubos que for possivel; confiar ao solo, em epocha apropriada, plantas cuja vegetação possa melhor favorecer; embaraçar que as plantas sejam incommodadas no seu crescimento, pela invasão das hervas ruins*

Castello de Vide — Novembro — 1861.

J. A. Sanctos e Silva

(*Continúa*)

A ORDENAÇÃO NO BISPADO DE PORTALEGRE

A prosperidade d'um povo não provém só do seu desinvolvimento material, provém tambem, e mais ainda, do seu desinvolvimento moral: é d'estas duas fontes conjunctas, que nasce o bem das nações, porisso não devem ellas dar-se a uma para desprezar a outra; devem applicar-se ambas ao mesmo tempo, embora com differente energia. De que serviria a opulencia do proprietario se elle a não dividisse pelos indigentes, que lhe cercam a porta?

Como se applicaria o individuo ao trabalho, se não soubess, que era o proprietario dos seus productos? Quem exploraria o solo, embora rico, d'uma nação sem a certeza, de que os outros respeitariam os seus esforços?

É pois absurdo esperar, que um povo prospere, só porque possue um solo rico, e tem homens, que o explorem; esse povo seria ainda mais miseravel, porque a riqueza do seu solo faria excitar a guerra entre os seus habitantes, se o seu estado moral lhes não fôsse ajudar o desinvolvimento material.

Como esperar então ver-te feliz, caro Alemtejo, a ti que só possues um solo cheio de riquezas? Podes vir a sêl-o, porque tens as duas fontes de prosperidade, ainda não exploradas; e assim és feliz, porque te ha de raiar um dia cheio de bens; e infeliz, porque a negligencia de teus filhos te não tem feito valer o que podias.

Se o teu solo é capaz de sustentar todos os teus filhos, ajuda a fertilidade d'aquelle com o desinvolvimento moral d'estes, vel-os-has vivendo em boa harmonia, caminharem na vanguarda, na senda da civilisação, e prosperarem todos os dias; não desprezes este, que definha e morre aquella, e terás de chorar a sorte de teus filhos, que se debatem nas guerras, que tu ateaste.

Tenha uma nação o mais fertil solo, os mais industriosos habitantes, mas não saibam estes respeitar-se a propriedade, que hão de ser uns desgraçados na fertilidade de sua terra e debaixo do seu genio: ensine-se-lhes a respeitarem-se uns aos outros, a amarem-se no trabalho, ver-se-hão felizes, florescendo a industria e augmentando a fertilidade do solo.

A religião, que produz estes effeitos, que é uma parte da essencia do homem, que é a base dos seus conhecimentos, que assegura ás leis civis a sua execução, revestindo-as de certo poder divino, que é a lei universal, que serve para tudo e para todos, 'numa palavra, que é o orgão vital d'uma sociedade e o complexo de todas as suas leis, é sem dúvida, a fonte principal da prosperidade de um povo; cultive-se pois a religião, promover-se-ha o bem do povo.

Como veremos então o clerigo, a quem a egreja encarrega de sustentar e promover a religião?

Como o principal promotor ou distribuidor do bem nacional.

E que cuidados e attenção não merece a educação d'um ser em cujas mãos está principalmente depositada a sorte d'um povo?

Bem mais, de certo, do que os que tem merecido a ordenação no bispado de Portalegre. Poucos são alli os padres, que tenham todos os exames, que a lei requer.

Não basta serem poucos, senão desprezados!

Não podendo segundo a lei matricular-se um estudante na cadeira de theologia moral sem exame de philosophia racional e de rhetorica, quasi todos têm conseguido não só matricular-se, senão ordenar-se sem aquelles exames. E quaes os resultados d'esta falta de rigor? Tirar ao povo a prosperidade do principal orgão da sua felicidade. E que circumstancias, ainda extraordinarias, podem justificar aquella laxidão?

Nem a necessidade de padres a póde desculpar, porque ainda que a urgencia possa dispensar a perfeição, nunca póde deixar de dar um passo, cujos maus effeitos depois se não possam remediar, quando ella cesse, por que lá ficava 'neste caso um individuo, que só a necessidade tinha feito padre, occupando (passada a necessidade) um logar, que outro e mesmo elle podia occupar mais dignamente; a necessidade aqui o que póde é dispensar a edade ao que já tivesse a sciencia, mas nunca a sciencia ao que só tivesse a edade, porque um padre sem conhecimentos jâmais poderá cumprir a missão, de que se encarregou; e não são poucos os conhecimentos de que um padre precisa, bem mais de certo do que, os que lhes exigem no bispado de Portalegre, mas não se lhes falte com elles, que, mesmo poucos, serão um pequeno capital, que podem ir engrossando com o estudo.

Felizmente o digno vigario geral começa a pôr algum termo áquelle abuso prejudicial; mas isso não basta: para a illustração do clero Portalegrense, carece-se d'uma reforma completa no ensino do Seminario. Offerece este aos estudantes, que pretendem seguir a vida ecclesiastica, os tres annos de theologia moral, que lhes exigem; mas que desordem 'neste estudo! Todos os annos se matriculam novos estudantes, mas o unico professor, que ha para os tres annos, porque tem de dar materias, para o que nem os tres annos chegarão bem, não póde no começo de cada anno voltar ao principio do compendio, e vê-se obrigado a fazer infructuosamente (não póde deixar de ser) a sua prelecção no meio ou no fim do compendio a estudantes, que entram pela primeira vez 'naquella aula, já a tirar conclusões de principios, que não estudaram, e que por consequencia ignoram. Mas não é só isto, o final casa perfeitamente com o principio. Não ha no fim de cada anno, nem no de todos tres, um acto, que sirva para julgar da habilitação do estudante; a frequencia de tres annos da aula de moral (e muitas vezes nem isso), basta para habilitar um estudante, porque só quando quer ir receber ordens é obrigado a examinar-se com um unico padre nomeado pelo vigario geral, para o que o estudante se habilita em oito dias, decorando uma caderneta, que contém as respostas ás perguntas, que aquelles examinadores particulares costumam fazer. Não nos demorâmos em mostrar a insufficiencia de taes exames, porque basta dizer, que não ha memoria de uma reprovação, sem que isto seja censura aos examinadores que podem approvar em consciencia, porque um estudante póde não saber nada de moral, e todavia fazer um bello exame com o auxílio da caderneta.

Nestas circumstancias como esperar a illustração do clero Portalegrense? E se a prosperidade do povo está tão ligada com aquella, como esperar vêl-o feliz? Porque um padre sem illustração, não é util a si, nem ao povo, e menos á egreja: necessita-se pois d'uma refórma nos estudos ecclesiasticos em Portalegre: é preciso, para bem do povo, da egreja e do proprio clerigo, ordenar os estudos de maneira, que possam aproveitar e que os estudantes se vejam obrigados a dedicar-lhes o trabalho e attenção, que merecem.

Consegue-se talvez este resultado, distribuindo as materias por tres cadeiras successivas, e obrigar cada estudante no fim do anno a um exame público a que assistirão os tres professores das cadeiras; e sem a approvação nas materias da cadeira antecedente não poderá matricular-se na cadeira do anno seguinte, e sem a approvação nas materias de todas não poderá dizer missa.

E votâmos para pagamento dos professores o ordenado que deviam ter os conegos, se a Sé os tivesse, e que agora é applicado sem utilidade pública visivel.

E não se espere só do govêrno aquillo, de que necessitâmos; nós somos os mais habilitados para conhecer as nossas necessidades, e o meio de as satisfazer; representemos pois essas necessidades ao govêrno, e lembremo-lhes até o meio que julgâmos conveniente para as satisfazer, para que elle nos preste o auxílio, que puder, e de que necessitâmos. Se nós que somos os mais interessados nos melhoramentos da nossa terra nos esquecemos d'elles, havemos de censurar o govêrno, que nas lides da governança se não lembra de nós?

Vão, pois, as pessoas competentes mostrar ao govêrno esta grande necessidade, prestem-lhe o auxílio, que poderem para que, aplainando-lhe o espinhoso caminho da administração, elle nos dê o auxílio de que precisâmos, que nós, já que nada valemos, cá ficâmos chorando a fraqueza de nossas fôrças, que nada podem em bem da patria; e acceite ella estes mal creados fructos de arvore ainda nova, como prova do amor que lhe consagrâmos, e conceda-nos para egide o desejo de lhe ser util.

Coimbra, 30 de outubro de 1861

J. D. Ruivo Godinho.

FELICITAÇÃO

No dia 3 de novembro celebrou-se na Matriz d'Alpalhão a primeira missa do nosso particular amigo, o muito reverendo padre João Manuel de Bastos.

Felicitâmos o novo ministro por ver coroados de feliz successo os arduos esforços, com que teve de combater os embaraços, que se oppunham á sua marcha na demanda de um estado, que tanto desejavam as boas qualidades de sua alma, como os nobres sentimentos do seu coração.

O estudo que alumia a alma, os bons sentimentos e a natural propensão para o serviço do Senhor, tornam o sr. Bastos um ministro digno, e capaz de cumprir para com Deus e para com os homens a alta missão de que está encarregado; felicitâmos pois a sancta egreja pelo bom ministro que agora entra em seu serviço, e possa elle com o seu exemplo marcar a senda da virtude áquelles dos seus collegas, que por ventura se tenham desviado d'ella.

J. A. Sequeira

La poesie a besoin de jeunesse, disse Cantu; ao canto triste e singelo que se segue não falta mocidade porque foi composto por um juvenil talento sôbre a campa de uma juvenil formosura. Ambos eguaes na edade differençaram-se na sorte; coube ao primeiro aproveitar uma lição do que vale a vida, inda mesmo quando occulta os espinhos sob o viço de uma esplendida juventude. Descuidosa hontem sorria-se ella aos affagos da ventura, aquecia-a o sol da felicidade; hoje, da sepultura que lhe recolheu o corpo, rebentam os sentidos versos que lhe choram a morte.

Nascêra em Coimbra; bafejaram-lhe o berço as brisas do Mondego: sob este ceu limpido e sereno correu-lhe ligeira a vida, leve batel em mar de rosas, brilhante como o sol, curta como um sonho de amor. Sua existencia foi perfume da flor perdido no sôpro da viração. Esta elegia é-lhe epitaphio condigno, dictada pelo sentimento puro e estreme que guia á alma do poeta nos primeiros e formosos annos da vida.

A. A. F. P.

Á MEMORIA

DA

EX.ma SR.a D. MARIA JOSÉ DA SILVA REIS

Fallecida em Maio do corrente anno.

Só resta o echo a suspirar por ella!

J. de Lemos.

Quão triste se nos mostra o som plangente
Do bronze, que no dobre funerario
Vem pedir-nos lembranças d'outras eras,
Que os echos do passado em vão sumiram!
Quão triste, se d'irman, d'amiga o nome
Aos labios nos accode, em pranto involto!..
Mas hoje, dia a lagrimas propicio,
Não choremos comtudo a flor que adorna
D'innocencia e virtude a c'rôa d'anjos!
Oh! não choremos, não! morte de virgem
D'archanjo é vida que nos ceus se nutre!

Tu foste, linda virgem, como a planta
A quem doces perfumes, gratas brisas
Embalam na estação que o prado infeita,
E que um sôpro fatal d'infausto norte
A fronte fez pender-lhe quando abria
Da aurora aos ledos beijos flor mimosa!
Foste fanal d'esp'ranças, que fulgiste
Para em breve occultar em densas trevas
D'amor a doce luz, que o mundo ignaro
Não soubera pagar-te em seus extremos!
Entre mimos e graças d'innocencia
A vida te volveu, qual volve rapida
Nuvem dourada por formoso occaso.
De ventura sorrindo, em azas d'anjos
Voaste do Senhor á voz clemente
A mansão habitar, que habitam virgens,
E aos coros divinaes unir teu canto.
Feliz, ditosa tu, que só de candidas
Assucenas gentis ornaste a fronte!
Ai! mais tarde, talvez, quando de rosas
A mesquinha existencia tu sonhasses,
Só podesses colher duros espinhos!
O futuro?... quem sabe?... ermo de affectos,
Passaria talvez por entre as dores
D'um pungente viver, em que teu peito
Não teria sequer um peito amigo
Onde carpir, saudosa, a maga infancia!
Qual pomba fugitiva a seus amores
Que no extranho paiz a vista encanta,
Mas que anhela talvez passados gozos,
Tal é alma de virgem: tal 'num sonho
Revelada nos foi a que dos astros
Modelar-te viera o corpo em graças!
A morte quebra o laço que nos prende
Ás gratas affeições que a vida ameigam;
Mas vae ligar nossa alma ao elo immenso
De venturas sem fim que a terra nega!
Foste ditosa pois; nem eu lamento
Por ti, nuncia de paz, a mão do fado
Que, inflexivel, roubou mais uma esp'rança
Das tão raras d'amor que o mundo ostenta:
Mas se ao homem é dado sôbre a terra
Teu nome recordar, e sôbre a lousa
Ir hoje desfolhar algumas flores,
Que revelem por si a dor que o punge;
Oh! deixa em tua campa ignoto bardo
Entre os prantos depor uma saudade!

2 de novembro, de 1861

L. C. Simões Ferreira.

NOTICIARIO

Luto — O dobrar plangente dos sinos de todas as torres é um annúncio de sentimento e lucto nacional.

Por um boletim thelegraphico, recebeu-se no dia 12 pelas 10 horas da manhan a infausta notícia de ter Deus chamado á sua presença o chefe do Estado!

É profundo o sentimento e a dor em toda a cidade: todos choram e lamentam o filho da senhora D. Maria II, de saudosa memoria; em todos se divisa a dor, pela perda de um rei, digno de toda a nação!

Irmãos! ajoelhemos diante do tumulo, que encerra os restos mortaes do nosso monarcha! Elevemos a Deus uma prece fervorosa pela alma do rei liberal!...

Ratificação — Quando no n.º 4 do nosso jornal noticiâmos a eleição do sr. Adriano Pequitto pelo círculo do Sardoal, por estarmos mal informados, dissemos que s. ex.a era deputado governamental; d'onde se podia colligir que o govêrno tinha apoiado a candidatura do sr. Pequitto: por informações fidedignas posteriores podemos hoje affirmar, que não aconteceu assim.

O campo ficou inteiramente livre, e o sr. Pequitto teve por competidor o ex.mo sr. Bobella, a quem, apesar de começar mezes antes com os seus trabalhos eleitoraes, não foi possivel vencer a popularidade que o sr. Pequitto tem no círculo, que, escolhendo-o para representante, por 810 votos contra 417, soube devidamente avaliar a intelligencia e probidade, que s. ex.a possue em subido grau. Estamos certos de que o digno deputado, no exercicio do seu mandato, não desmentirá o alto juizo que das suas qualidades fizeram os eleitores do círculo do Sardoal.

Declaração — D'ora ávante qualquer reclamação de numeros da nossa folha, que, por descuido do distribuidor ou empregados

As asyladas do asylo do Campo Grande trajavam os seus vestidos de uniforme com signaes de lucto, levando tambem a bandeira velada de crepes, e sendo acompanhadas por diversos membros da direcção, e uma das professoras.

Na Boa-Vista, os serventes da companhia esperavam o cadaver real com tochas acesas, e alli permaneceram até acabar de desfilar o último corpo de tropa, que por aquelle sítio se achava.

Os empregados da alfandega grande com o seu director, encorporaram-se ao prestito no largo de S. Paulo, porque na egreja da Conceição Velha haviam assistido a uma missa por alma do grande rei, demorando-lhe tão nobre manifestação de sentimento, a sua marcha para as Necessidades.

A egreja esteve até á noite aberta, e armada do mesmo modo, com que 'nella se celebrou a missa, estando ornada de pannos pretos a porta de entrada, no cimo da qual em meia haste se ostentava a bandeira de Saxe-Coburgo-Gotha.

Por todas as ruas, por onde seguiu o acompanhamento, se demonstrava em vehementes e sensibilisadoras provas a saudade dos portuguezes; ninguem podia a olhos enxutos vêr passar o coche em que era conduzido o caixão mortuario do joven rei, lembrando-lhe que dentro d'elle ia sem vida o corpo veneravel de infeliz soberano.

Nos semblantes de milhrres de senhoras e homens, que povoavam as ruas e as janellas, era patente e uniforme o sentimento; não só dos olhos femeninos cahiam a fio lagrimas de dor, muitos homens tambem não tiveram fôrça de vencer a commoção, que suscitava em todos os espiritos aquelle pungentissimo espectaculo».

CONSIDERAÇÕES AGRONOMICAS SOBRE O CONCELHO DE CASTELLO DE VIDE

(Continuado do n.º 6)

VI

Os bons afolhamentos são sempre faceis em todos aquelles sitios em que se podem variar muito as producções da cultura. Entretanto é forçoso confessar, que circumstancias ha, algumas d'ellas mui ponderosas, que se oppõem obstinadamente ao seu estabelecimento. A qualidade do solo, o clima, a maior ou menor necessidade do consumo local, a difficuldade e o elevado preço dos transportes, a falta de vias de communicação, a mão d'obra, a raridade de braços e capitaes, o custo exaggerado de certos instrumentos de trabalho, são obstaculos de tal ordem, que fazem por vezes esmorecer o mais ousado agricultor.

As terras siliciosas, calcareas ou cretaceas, mais seccas que humidas, mais moveis que compactas, mais elevadas que baixas, são antes adoptadas para certas produções. As terras argilosas, naturalmente tenazes, mais humidas que seccas, mais baixas que elevadas, mais compactas que moveis, convêm particularmente a outras producções. Entre estes dois extremos, ha uma outra classe de terras, que participam felizmente de qualidades mixtas, ás quaes convêm indistinctamente todo o genero de productos, se bem que entre estes alguns haja, que são mais da sua particular affeição.

Em harmonia com estas e outras muitas condições, como, v. g. a influencia e quadras ordinarias das chuvas, do calor, dos frios, dos gelos, da neve, dos nevoeiros, e varios outros phenomenos meteorologicos, é que o agricultor instruido deve moldar-se nas suas agronomicas especulações, para que não haja de inutilisar a terra e o tempo, malbaratar capitaes ou tirar productos, que não compensem o que a todos os respeitos se tenha despendido.

No nosso paiz, onde parece que o *deus terminus* está disputando a todo o transe, com os seus braços e cabeça de marmore, 'num duello de vida ou de morte, cada metro de terreno, que o despertar intermittente dos governos faz deslocar 'nessas seculares tortuosidades, alcantiladas e escabrosas, que o abuso de linguagem tem até hoje denominado estradas; onde o atrazo da industria, dependente de diversas causas, mal aprecia ainda o valor de certos productos; onde ha um pequeno e pouco variado número d'estabelecimentos fabris; onde a agricultura jaz, pode-se dizer, desprotegida; onde a necessidade de consumir certos productos é por conseguinte muito restricta; onde a raridade das chuvas se faz sentir por alguns mezes successivos; o systema dos afolhamentos não tem podido generalisar-se; e nos pontos onde se tem introduzido, não tem elle attingido, salvas algumas excepções, senão um mesquinho desinvolvimento. De sorte que não é só a rotina e o anachronismo da velha agricultura; não é só o desânimo dos mais tibios ou meticulosos em presença dos obstaculos naturaes, que felizmente a arte póde se não vencer, pelo menos grandemente attenuar; não é só a falta d'inciativa individual perante a immobilidade governamental, que reagem pertinazmento contra o melhor dos systemas agronomicos: é tambem a deficiencia, é a incuria, são as menos acertadas vistas economicas da pública administração, no importante papel, que lhe cumpre desempenhar.

VII

A falta de braços, é tambem um dos males, que afflige a agricultura, e que se oppõe ao systema dos afolhamentos 'naquellas provincias, que como a nossa do Alemtejo, gemem desgraçadamente debaixo do obscurante systema dos pousios. É claro que uma cultura mais variada, mais successiva, e portanto mais trabalhosa, requer maior emprêgo de braços. As culturas sachadas, especialmente, exigem, em certas epochas do anno o serviço de muitos braços, que ficariam ociosos depois dos grandes trabalhos do campo. Nem se diga que entre nós a agglomeração dos individuos nas fábricas produz a sua raridade nos campos, porque, como já tivemos occasião de notar, não só são pouco numerosas, mas a população no nosso paiz superabunda como o provam as contínuas e espantosas migrações das provincias do norte para alem do oceano atlantico.

Se por um lado pois os agricultores, que estão em mais auspiciosa condição, fôssem tentando gradual e prudentemente os novos processos agricolas; se os braços desempregados, que o engôdo de chimericas riquesas, e as ciladas dos especuladores de carne humana arrastam traiçoeiramente para as regiões sertanejas e inhospitas da America, fôssem encontrando no paiz natal emprêgo e recompensa equitativa e razoavel; se por outro lado a pública administração fôsse tirando de cima da agricultura as peias, que lhe incumbe destruir, fomentando por toda a parte a instrucção elementar e technica, as artes, e em geral todos os melhoramentos anteriores: forçosamente aconteceria, que a população havia de crescer nos pontos onde falta; que o seu augmento traria a maior divisão da propriedade; que a divisão da propriedade havia de trazer as tentativas em maior escala das culturas variadas; e que todas estas circumstancias, influindo reciprocamente umas nas outrss, completariam os bons afolhamentos, ainda mesmo 'naquelles pontos por ventura, em que o prodigioso trabalho das humanas associações dos instrumentos e das máchinas, houvessem de domar e avassallar a natureza.

Ao lado da falta de braços avulta a questão momentosa da falta de capitaes. Embevecidos e extaticos perante as altas especulações commerciaes e financeiras, os capitalistas e argentarios desprezam ensurdecidos os gemidos da agricultura; e só um ou outro usurario é que de quando em quando dirige os olhos para o campo, não para suavisar as amarguras do proprietario, ou fomentar a industria agricola, mas para escravisar a propriedade com escandalosas usuras de vinte, e mais, por cento.

Se se estabelecessem bancos ruraes, moldados, v. g., pelo banco territorial da Belgica: ou se os municipios, descentralisada pouco a pouco a administração, houvessem um dia de mover-se 'numa esphera mais larga de liberdade e actividade; se o princípio das associações, que já hoje no nosso paiz começa d'encarnar nas classes artisticas, se propagasse e racionalmente se desinvolvesse, na classe agricola: é provavel, se não certo, que os capitaes haviam d'abundar, e que o estado precario da agricultura havia de consideravelmente melhorar.

VIII

Ás considerações, que ficam expostas, é preciso accrescentar outras com que o systema dos afolhamentos está intimamente ligado: queremos fallar dos pastos communs, dos prados artificiaes do augmento e melhoramentos dos gados, questões connexas sôbre que faremos algumas observações.

A extinção dos pastos communs, a praticultura e a estabulação, são tres dos pontos cardiaes, em que assenta um bom systema d'afolhamentos.

Todo o proprietario que cultiva terras deve convencer-se da necessidade de criar gados, para que possa tirar todas as vantagens da sua profissão. Derramando a abundancia na casa do lavrador, são os gados, que lhe ministram a fôrça de tracção, que faz funccionar as suas máchinas; os estrumes com que adubam os terrenos; as carnes, os lacticinios, e as lans.

A praticultura é uma consequencia necessaria da creação dos gados. Sem prados artificiaes é impossivel o augmento e melhoramento dos gados; e sem o augmento e melhoramento dos gados por meio da estabulação, é impossivel obter cópias de estrumes, e estabelecer em grande escala os bons afolhamentos.

Sustentados os gados nos curraes, a maior parte do anno pelo menos pelas producções dos prados artificiaes, e tambem naturaes, não só são aproveitados os estrumes, para que o cultivador os empregue no ponto em que mais lhe convier; mas os epizootias, a mortandade, e a degeneração das raças provenientes do frio, da fome, ou da má alimentação, hão de sensivelmente diminuir.

Castello de Vide — novembro — 1861.

J. A. Sanctos e Silva.

(*Continúa*)

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Pelas participações telegraphicas recebidas, consta que a infausta notícia do fallecimento de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, de muito saudosa memoria, tem produzido a mais dolorosa impressão nas diversas côrtes a que tem chegado.

Em Madrid o sr. Calderon Collantes, ministro dos negocios estrangeiros, apresentou-se logo na legação de Sua Magestade para pedir ao nosso ministro, que houvesse de fazer chegar é presença de Sua Magestade El-Rei Regente, da parte de Suas Magestades Catholicas, a expressão da sua viva magua pela deploravel perda que o mesmo augusto senhor e o reino acabam de soffrer. O Serenissimo Senhor Infante D. Sebastião encarregou um dos seus camaristas de ir procurar o ministro de Portugal para lhe exprimir eguaes sentimentos.

Sua Magestade o Imperador dos Francezes mandou immediatamente um ajudante de campo manifestar ao visconde de Paiva a muito viva parte que Sua Magestade e a Imperatriz tomavam na justa dor da familia real portugueza.

Sua Magestade o Imperador de todas as Russias e Sua Magestade El-Rei dos Belgas encarregaram os nossos ministros nas suas respectivas côrtes de exprimir a Sua Magestade El-Rei Regente o seu extremo pezar pelo triste acontecimento que acaba de enluctar a nação portugueza.

Os representantes de Suas Magestades o Imperador de Austria e o Rei da Suecia 'nesta côrte receberam ordem dos seus soberanos para exprimirem a Sua Magestade El-Rei Regente a sua sincera dor pelo terrivel golpe que Portugal acaba de soffrer. A côrte da Suecia tomou lucto immediatamente.

Além d'isto, todos estes soberanos e Sua Magestade a Rainha Victoria dirigiram-se a El-Rei para lhe exprimir os mesmos sentimentos.

Sua Sanctidade, por extremo consternado ao saber do imminente perigo em que se achava a preciosa vida de Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, apressou-se a lançar a benção apostolica ao mesmo augusto senhor.

O *Moniteur* de hontem (13) publíca o seguinte artigo:

Suas Magestades Imperiaes, ao receberem a notícia da morte tão lamentavel de El-Rei de Portugal, tomaram lucto immediatamente, a fim de darem á familia real portugueza uma prova da sua sympathia. A celebração das festas pelo dia do nome da Imperatriz assim como as caçadas e espectaculos foram adiados.

AUTO DA AUTOPSIA DO CADAVER DE SUA MAGESTADE O SENHOR D. PEDRO V

FEITA TRINTA E SETE HORAS DEPOIS DO FALLECIMENTO

Os facultativos abaixo assignados, medicos e cirurgiões da real camara, que foram consultados e assistiram a el-rei o senhor D. Pedro V, durante a sua última doença, e que procederam ou foram presentes á autopsia do real cadaver, executada por occasião e no acto da embalsamação, observaram as seguintes alterações:

Hábito externo — Signaes de decomposição cadaverica muito adiantada em toda a superficie do tronco, cabeça, braços e parte superior das côxas.

Cavidade abdominal — Diversas manchas lividas no bordo convexo do intestino delgado; a primeira 18 centimetros acima da extremidade inferior do ileon, e a última juncto a esta mesma extremidade. Estas manchas tinham de 1 a 3 centimetros quadrados de superficie, e correspondia-lhes maior espessura das paredes intestinaes.

Os ganglios do mesenterio quasi todos engorgitados e vermelho-escuros.

Nenhuma alteração na superficie interna do estomago e intestino delgado até á distancia de 130 centimetros da sua extremidade inferior, em que começavam a apparecer as glandulas de Peyer notavelmente augmentadas de volume, formando muitas placas de variada extensão e espessura, algumas ulceradas, e correspondendo ás manchas notadas na superficie exterior. Duas d'estas placas de Peyer eram sôbre todas notaveis. Uma tinha 9 centimetros de comprimento e 3,5 centimetros de largura, bordos arredondados, irregulares e salientes, superficie desegual, e no meio uma úlcera circular de bordos delgados, com 1 centimetro de diametro e cujo fundo era formado pela membrana muscular do intestino. A outra placa, não ulcerada, estava 6 centimetros abaixo d'esta, e assentando em parte na valvula ileo-cecal tinha 5 centimetros de comprimento sôbre 4 de largura.

O intestino cego, colon ascedente e transverso, estavam semeados de numerosissimas granulações fulicolosas, muitas das quaes ulceradas no centro, formando todas uma erupção mui confluente; no colon descendente e intestino ileon iam successivamente rareando, mostrando-se ainda algumas no intestino recto.

Pequena quantidade de líquido bilioso no estomago e intestinos.

Baço augmentado de volume, de consistencia quasi diffluente, e de côr vermelho-anegrada.

Figado amollecido e anegrado. Vesicula fellea com pouca bille menos espessa do que naturalmente.

Pancreas sem alteração apreciavel. Rins mais escuros e pouco consistentes. Bassinetes, ureteres e bexiga normaes.

Cavidade thoracica. — Coração e pulmões sem outra alteração além de certo grau de amollecimento e hyperemia cadaverica.

Cavidade craneana. — Vasos exteriores da dura-mater consideravelmente engorgitados. A pia-mater, muito injectada, dava a toda a

os impulsos do espirito que os da sorte, e mais illustres os progressos do valor que os do nascimento. » *J. Soares da Silva.*

D. Duarte

. . . . pacifico e piedoso
Que tão breve reinou....
Garrett.

Nasceu em Viseu em 1401; morreu em Thomar a 9 de setembro de 1438; jaz na Batalha.

« Il n'etait pas difficile de s'asseoir sur un trône que la main puissante de Joam 1.er avait consolidé et que la lance du saint connétable avait défendu. Le successeur du grand homme etait d'ailleurs un prince sage, modéré, instruit, plus que ne l'etaient les souverains de son siècle; puis, il joignait à toutes ces qualités une habilité peu commune dans les exercices chevaleresques, ce qui le faisait considérer comme un prince accompli. Il commença à regner le 15 août 1433, et dès le début son administration fut si prudente qu'on se prit à dire d'un commun accord qu'il entendait encore mieux l'art de conduire un royaume que ne faisait son père.»
M. Ferdinand Denis.

D. Manuel

Quem não sabe a ventura e sorte estranha
De Manuel, em tudo tão ditoso,
Que principe jurado foi d'Hespanha,
D'ambas casas do sol rei glorioso?
Ferreira.

Nasceu em Alcochete a 31 de maio de 1469; morreu em Lisboa a 13 de dezembro de 1521; jaz em Belem.

« Na opinião de Ptolomeu e dos mais celebres cosmographos não contém o globo da terra mais que sete mil e quinhentas leguas de circuito, e, se bem lançarmos as contas, não menos de sete mil e quinhentas leguas de costa grangearam as conquistas de el-rei D. Manuel no reino de Portugal; desde o cabo da Boa-Esperança na Cafraria até o cabo de Liampó na China quatro mil leguas, no que rodeiam as praias de Ormuz e do Mar-Vermelho mil e duzentas leguas; no Brazil, começando da bôcca do rio das Amazonas até á entrada do rio da Prata, mil e quarenta leguas; na Africa toda a vastidão d'aquella grande provincia que contém as comarcas de Xerquia, Gerabia e Dabida, e outros senhorios, cidades, emporios e castellos que não cabendo na memoria por innumeraveis, só cabem na admiração por conquistados... » *D. Rafael Bluteau.*

D. Sebastião

Fatal assombro de uma e d'outra esphera,
Se a tantas esperanças invejosa
A fortuna, que o vê, não n'o atalhára,
Larga nos males, só nos bens avara.
Ulysseia.

Nasceu em Lisboa a 20 de janeiro de 1554; morreu a 4 de agosto de 1578 na batalha de Alcacer-Quivir.

« Dos reis de Portugal nenhum foi mais desejado, nem tão querido como D. Sebastião desde a infancia. Nascido em 1554, dezoito dias depois da morte de seu pae, logo abriu os olhos entre prantos. O lucto da orphandade cobriu-lhe o berço... Condemnado a contemplar pelos proprios olhos o funesto resultado de suas temeridades, alcançou ao menos o último leito do soldado, adormecendo, não sem gloria, 'nesses campos immortalisados com o seu nome pela grandeza do desastre e pela admiração de um valor raro. » *L. A. Rebello da Silva.*

D. Henrique

O que em purpureas vestes gloriosas
Com tanta magestade o corpo arreia.
Ulysseia.

Nasceu em Lisboa a 31 de janeiro de 1512; morreu em Almeirim a 30 de janeiro de 1580; jaz em Belem.

« Era tanto o credito que o cardeal-infante tinha por toda a Hespanha e Europa, que todos os reis christãos lhe mandavam commetter suas cousas para que por sua intercessão as alcançassem como desejavam.... Foi elle tal que todos os bons costumes e sciencias á sua conta hoje florecem 'nestes reinos.... » *Miguel de Moura.*

D. José I

No throno lusitano
Um rei mais excellente
Que Cyro, que Alexandre, que Trajano.
Diniz.

Nasceu em Lisboa a 6 de junho de 1714; morreu na mesma cidade a 23 de fevereiro de 1777; jaz em S. Vicente de Fóra.

« No começo do seu reinado mostrou D. José por algumas sábias medidas que havia de ser mais economico do que foi seu pae; e no decurso d'elle mostrou que era superior a todos os males e a grandes calamidades... Em 1772 reformou a Universidade de Coimbra, dando-lhe os celebres estatutos que têm sido a admiração da Europa. Ainda elrei fez outras muitas instituições, todas sábias e todas vantajosas para o bem do estado. » *J. A. de Sousa Doria.*

D. Maria I

. . . . Rainha immortal, modelo augusto
De quantas perfeições, quantas virtudes
De Astreia ao lado para o Ceu fugiram.
Bocage.

Nasceu em Lisboa a 16 de dezembro de 1734; morreu no Rio de Janeiro a 20 de março de 1816; jaz na Basilica do SS. Coração de Jesus.

« . . . ficou reservado para os dias gloriosos de Maria I ver nascer e firmar-se com o seu favor e protecção uma academia real de sciencias...» *J. Bonifacio de Andrada.*

D. Luiz I

Subi, Senhor, ao throno lusitano
A restaurar a perda de um monarcha,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a similhança.
Garção.

S. M. F. el-rei o senhor D. Luiz Philippe Maria Fernando Pedro de Alcantara Antonio Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Augusto Julio Volfando, *secundo-genito* da senhora D. Maria II, 1.° duque do Porto, condestavel do reino, capitão da armada, nasceu a 31 de outubro de 1838; succedeu a seu augusto irmão o senhor D. Pedro V, *o muito amado*, a 11 e assumiu o govêrno a 14 do corrente mez de novembro de 1861.

« Cingirá depois a corôa o senhor rei D. Luiz I a quem toca por direito... circumdemos o novo throno do amor e do respeito que ao augusto finado consagravamos, para o auxiliarmos nas difficuldades de uma situação imprevista, para evitarmos á nação mais duras provações e tremendas contingencias.»
Mendes Leal.

A. A. F. P.

CONSIDERAÇÕES AGRONOMICAS SOBRE O CONCELHO DE CASTELLO DE VIDE

(Continuado do n.° 7)

IX

Para completar todo o systema das culturas alternas e prados artificiaes é de primeira intuição a extincção dos baldios e pastos communs. Monumentos historicos da velha agricultura, os pastos communs são a estatua carcomida e pulverulenta levantada á rudeza e ignorancia das eras que já lá vão, mas que talvez resistam ainda por muito tempo ao camartello das revoluções porque têm por alicerce os prejuizos tradicionaes da rotina. Seguem o destino de todas as ideias velhas, arreigadas no viver intimo das massas sociaes, que só a civilisação lenta, mas sempre incessante, sempre pertinaz, sempre caminhando, ha de ir delindo pouco a pouco, até que se sumam por uma vez na voragem das novas ideias.

Os pastos communs são uma das antitheses da liberdade da terra; são uma servidão imposta á propriedade individual; são a condemnação permanente, que em cada um dos seus axiomas lhes fulmina a moderna economia; são finalmente uma aberração da razão humana, porque são contrarios aos interesses dos lavradores e proprietarios.

Os pastos communs só desgraçadamente servem hoje para uma cousa: é para nos representarem ao vivo uma scena de repugnante vandalismo. Talar campos, destroçar pastagens, calcar e atropellar tudo, malbaratar e desperdiçar estrumes: eis as consequencias ordinarias, apenas as folhas se baldeiam, e os rebanhos do concelho, e até os de vizinhos concelhos, onde existe o direito de compascuo com ou sem reciprocidade, entram 'nellas de tropel. E como cortejo obrigado de toda esta subversão dos mais elementares principios da agricultura racional, o systema de pasto e lavor ha de prevalecer onde existir este vandalismo; e as epizootias, transmittidas pelo contacto immediato de rebanho a rebanho, hão de intorpecer o augmento e melhoramento da criação, annunciando ao mesmo tempo á humanidade, como percursoras flagellantes da desgraça, o fatal presente d'uma proxima epidemia.

E não nos argumentem com os transtornos ou abalos, que a extincção repentina dos pastos communs traria aos proprietarios e lavradores. Porque se é facto que os proprietarios que contassem aqui e alli uma porção de terreno, ou não poderiam lá chegar com os seus rebanhos, ou se lá fôssem, haviam forçosamente de talar os pastos alheios, o que daria logar a contínuas altercações e pendencias judiciaes; não é menos verdade que a introducção dos prados artificiaes, a estabulação dos gados, e a appropriação dos terrenos tapados a novos generos de cultura, iriam remediando estes inconvenientes, inconvenientes que tambem ajudariam a desfazer as compras e vendas reciprocas de pastagens, em harmonia com o interesse de todos e de cada um. Finalmente uma providencia legislativa, que auctorisasse as camaras municipaes a deixar coutar uma porção de terreno, que levasse por exemplo dois ou tres moios de semeadura, e pertencente a differentes donos ou proprietarios a que se chamaria um coutamento em commum, sería uma alavanca poderosa, que tiraria toda a seriedade aos obstaculos, com que as velhas usanças se escudam.

X

Ha um último reducto, especie de cidadella inexpugnavel, a que se acolhem espavoridos os encarniçados defensores dos baldios, e onde forcejam em retemperar os alentos, que quasi se esvaeceram nas refregas, que em campo aberto, e com armas leaes, lhes tem offerecido a agricultura racional. Queremos fallar do desfalque, que muitos municipios soffrem nas suas fontes de riqueza, com a abolição dos pastos communs. A objecção não é poderosa, nem pelo lado do govêrno, nem pela parte das municipalidades.

Se é facto, que, quem quer os fins, deve empregar os meios; se os decretos, leis e regulamentos para melhorar a agricultura, não são letra morta; se a iniciativa dos governos 'nesta materia é realmente a traducção d'uma obrigação administrativa, em harmonia com as regras e preceitos imprescriptiveis da chamada centralisação; se as discussões e pugnas parlamentares, e as indicações e exigencias da pública opinião não são apenas um sonho fugaz, alimentado 'numa hora de phantasia pela morbidez de cerebros desconcertados, é preciso que municipios e governos, associações e individuos, cumpram cada um com o seu dever.

O govêrno abolindo as terças dos concelhos e outras imposições anachronicas, que só podiam ser defendidas pela avidez insaciavel do fisco, devia habilitar as camaras municipaes, se não fôsse tão cioso das suas prerogativas centralisadoras, e fazer face em geral aos seus encargos, sem onerar com mais tributos os seus administrados. Não aconteceu porém assim. Implacavel como o destino, a lei que aboliu as terças dos concelhos, destina-as fatalmente á feitura d'estradas municipaes. De sorte que as camaras municipaes, que pela escassez de seus reditos proprios, luctavam até aqui oscillantes entre a medida d'imposições pesadas e odiosas, e o *deficit* aterrador do orçamento, continuam atreladas á mesma cadeia de difficuldades. É preciso pois que o govêrno faculte ás camaras o poder de dispor d'aquella quota correspondente ao desfalque que a extincção dos baldios for produzindo no cofre municipal. E se a *burocracia* nos argumentar com o atrazo das vias concelhias, não teremos dúvida em devolver essa peremptoria obrigação ao poder central, em presença da irreprehensivel escrupulosidade, com que aferrolha no thesouro público as últimas mealhas da nação. E a vantagem, olhada a questão no terreno, em que a collocámos, não é menor para o govêrno, que para os municipios; porque a extincção dos baldios, que em regra, só de quatro em quatro annos, vasam alguns seitis nas arcas do thesouro, transformal-os-hia em propriedades regulares e normaes, que engrossariam forçosamente a cifra annual dos publicos rendimentos.

É necessario pois que a provincia do Alemtejo, o districto de Portalegre, e este importante concelho agricola de Castello de Vide se devotem com intelligencia e energia á extincção dos baldios, como ensaio preliminar para o estabelecimento dos bons afolhamentos; é preciso que o govêrno os não desampare 'nessa cruzada evangelica do trabalho contra a fome.

Extingam-se portanto os pastos communs; derrame-se a instrucção agricola pelo paiz; vulgarisem-se os bons processos agronomicos; fomente-se por toda a parte a industria, mas aquella que possa ter vida propria, natural, e independente; desinvolva-se a pública viação, codifiquem-se desde já as leis ruraes; favoreça-se o consummo e exportação dos generos cultivados no paiz; regule-se a segurança da propriedade, providenciando-se sôbre os sinistros dos incendios, que arruinam muitas vezes o proprietario, e amparando-se por todas as faces o edificio pouco seguro da nossa agricultura: que a terra, esse grande e indestrutivel instrumento de producção, manterá pela sua parte os povos na abundancia, produzindo o dôbro, mais variado e mais barato, que produz pelo velho systema dos pousios. E só assim é que a fome, flagello terrivel de todas as eras, deixará de bater á choupana do pobre, quando a influencia das estações escasseia as colheitas, ou quando os abalos sociaes transtornam nas nações o equilibrio dos mercados.

Castello de Vide — novembro — 1861.

J. A. Sanctos e Silva.

(*Continúa*)

AGRICULTURA

CHRONICA AGRICOLA

LISBOA, 5 DE NOVEMBRO

Continuâmos a receber lamentaveis notícias ácêrca dos prejuizos causados pelas últimas tempestades. Em algumas localidades rolou o flagello da destruição, deixando raso tudo quanto encontrou. Consta-nos por pessoas fidedignas, que juncto da Gollegan, cahíra, na posilga de um porco, uma pedra conglomerada de grande número de pedras de saraiva, que pesava para mais de 20 kilogrammas. A auctoridade administrativa devia apressar-se a tomar conhecimento d'um facto, tão extraordinario, na ordem meteorologica, e a registral-o com toda a authenticidade.

Publicou-se no *Diario de Lisboa* (vide n.os 236 a 240 de outubro último) o relatorio, que o sr. João Maria de Magalhães, dirigiu ao govêrno, dando conta do modo como aproveitou o primeiro anno do curso de sylvicultura da eschola Florestal de Nancy. É uma descripção fiel e minuciosa dos trabalhos theoricos, e practicos de que se compõe o referido curso. A eschola de Nancy, tanto no pessoal, como material, corresponde ao titulo de imperial, com que foi decorada por Napoleão III; e póde com verdade dizer-se que rivalisa com as duas escholas mais celebres da Allemanha, a de Hoenheim, e Tharandt. Regida por Mr. Parade, que accumula com a maior proficencia as funcções de di-

descrever os brazões e a origem da nossa nobreza.

Creados os brazões para commemorar o nome illustre dos que se distinguiram pelas armas, pelas letras ou por quaesquer outros serviços á patria, importa conhecer quaes foram esses serviços, que se pretenderam perpetuar. O livro que se occupar d'um tal assumpto interessa aos nobres para respeitarem a memoria de seus avós e imitarem seus exemplos; interessa egualmente aos que não pertencem áquella classe, porque a historia de cada um d'esses nomes illustres corresponde a uma página gloriosa da historia da nação, a que nos honrâmos de pertencer.

O livro do sr. Seabra, com quanto se occupe simplesmente da nobreza de Coimbra, ainda assim interessa a todos, mesmo áquelles que não são d'esta cidade. A nobreza portugueza ou seja ou não de Coimbra, nem por isso deixa de ser portugueza, e nós que somos os herdeiros das glorias de nossos avós não podêmos deixar de ler com avidez o livro em que nos recordarem os altos feitos dos filhos da nossa terra.

Se o livro do sr. Seabra se torna recommendavel pelo assumpto, de que se occupa, não menos recommendavel o é egualmente pela fórma porque o desempenha. Fructo de um grande trabalho o primeiro número d'esta publicação comprehende a descripção dos brazões e a origem nobiliarchica dos Sousas, Moraes, Serras e Britos. Contém notícias abundantes, e acha-se escripto em boa linguagem e com muita crítica.

Dêmos, pois, os parabens ao sr. Seabra por haver desempenhado condignamente a empresa, que tomou sôbre seus hombros, e esperâmos, que o seu livro lhe ha de conquistar na república das letras um nome conhecido e distincto, tal como nós do coração lhe desejâmos.

O SR. JOAQUIM ALVES MATHEUS

Em todos os povos, e em qualquer de seus ramos, a eloquencia revela-se sempre nos periodos revoltos. A fôrça denominadora dos animos então apparece, quando sem ella uma sociedade ou uma instituição se veria em crise desfavoravel. É o que se vê de *Demosthenes, Cicero e Mirabeau.* Na eloquencia sagrada ainda o princípio é verdadeiro. Nos primeiros tres seculos do christianismo, periodo de agitação constante entre duas civilisações que procuravam esmagar-se, arcando de frente uma com outra em lucta encarniçada e violenta, brilham os genios superiores da eloquencia christan, modelos ricos de podêr e sabedoria, que têm sido sempre muito para admirar, raro para imitar. Desde o papa S. Clemente até S. João Chrysostomo e S. Agostinho, isto é, em menos de tresentos annos, a egreja teve mais e melhores oradores do que tem tido depois, no estirado decorrer de quatorze ou quinze seculos. É que o effeito não podia subsistir, tirada a causa. Não admira, pois, que hoje seja uma raridade um orador sagrado que mereça designação especial. A eloquencia tem seu mais poderoso imperio na moção dos corações, e no estado actual de completo socêgo, o espirito procura antes conhecer a verdade pela analyse e pelo raciocinio, do que acceder a ella por alheio impulso. Os oradores estão substituidos pelos apologistas.

Fransinous, Raulica, R. de Lorgues, Lacordaire, Gaume, Balmes, A. Nicolau e outros, são hoje procurados e lidos, porque, pensadores profundos e indagadores infatigaveis da verdade, satisfazem o entendimento com demonstrações rigorosas assentes sôbre observações e experiencias, ou dirigidas por via de raciocinios claros e direitos.

E vendo a nós é este um ramo da litteratura que bem podêmos dizer que nunca nos floriu. Que é citar Paiva de Andrade ou Vieira, se não confessar a nossa pobreza?

Nenhum dos dois, diga-se a verdade, póde apontar-se como modelo em oratoria.

No seculo actual a nossa litteratura ensaiou-se de novo em todos os seus generos, e em cada um vae deixando brilhante escholа. A poesia e a historia não vieram agora desacompanhadas. Aos nomes classicos de Garrett, Castilho e Herculano a historia litteraria accrescenta com justa crítica o de Francisco Raphael da Silveira Malhão. É o quadro completo que nos falta no seculo quinhentos.

E dado está o impulso. O tumulo do grande homem não encerrou o genio com elle. Se não tem porora um nome que lhe seja digno successor, tem alguns que bem merecem dos entendidos, e que tomarão por ventura logar um dia entre os representantes da nossa regneração litteraria.

O melhor da nossa esperança está porém na geração nova. Tem por si as lições do passado para dirigir as aspirações do futuro. Com a energia que ahi se lhe revella, póde e irá muito longe, se alguma vicissitude desgraçada lhe não tolher o caminhar.

Hontem apresentou-se pela primeira vez no pulpito de Coimbra a vocação mais esperançosa de quantas hoje nos promettem provar no futuro a nossa convicção que aqui deixâmos exarada: o sr. Joaquim Alves Matheus. E felizmente não está isolado. Fallâmos agora só d'elle, porque a proposito vem, aguardando que a occasião nos traga ensejo de apontarmos outros.

O sr. Alves Matheus é um moço de menos de vinte e cinco annos, que ha dois dias sahiu dos bancos da universidade. Seu nome é conhecido na imprensa, e seus dotes oratorios ha pouco mais d'um anno que começaram de ser apreciados na tribuna sagrada. Em vinte e quatro de setembro do anno passado o Porto estremeceu de enthusiasmo á voz d'um mancebo, que em pintura rapida e cheia de vida lhe poz em relêvo a figura magestosa do LIBERTADOR, luctando como heroe nas campanhas da civilisação, e morrendo como christão no leito amargurado das attribulações. E a imprensa do Porto foi generosa em annunciar ao paiz o triumpho do Sr. Joaquim Alves Matheus.

Desde então principalmente Coimbra desejava escutal-o, e elle mesmo lembrava-se com prazer de vir aferir o seu merecimento pela bitola elevada e conscienciosa d'este auditorio illustrado.

A Sancta Casa da Misericordia, celebrando exequias solemnissimas pelo descanso eterno do senhor rei D. Pedro V, proporcionou a todos ver em realidade nossos desejos, e á uma hora e um quarto da tarde o sr. Alves Matheus erguia-se na tribuna sancta diante d'uma assembleia digna a todos os respeitos de subida consideração. Os exm.os Prelado da diocese, cabido, auctoridades civis e militares, parte do corpo cathedratico, jornalismo, mesa e irmandade da sancta casa, centenas de academicos, de senhoras e cavalheiros da cidade, estiveram, por tres quartos d'hora, suspensos dos labios do joven orador, que lhes soube ter sempre captiva a attenção, e mais d'uma vez fazer brotar do intimo da alma lagrimas sentidas e espontaneas.

Este é o facto, e elle por si diz mais do que nós poderiamos dizer em abôno do sr. Alves Matheus. Para produzir um effeito tão geral em auditorio tão exigente é preciso ter avantajados dotes de eloquencia e saber. A impressão foi tamanha que hontem e ainda hoje é ahi o assumpto de todas as conversações, onde cada qual procura recordar mais uma belleza, reproduzir um de tantos affectos. O sr. Alves Matheus não tem mais a desejar: Coimbra inteira congratula-se de o ter ouvido, e agradece á illustre Mesa da Misericordia um dos maiores contentamentos que ha muito tempo tem tido.

O *Gremio Alemtejano* sauda e felicita sinceramente o sr. Alves Matheus, e nós, depois de ter fallado por todos, impômos silencio ao que de nós houveramos de dizer, porque receiâmos que se tome á conta da amizade de tantos annos o que sería rigorosamente devido á justiça. Abraçâmol-o mais uma vez, e apontando-lhe a estrella da gloria dizemos-lhe — « avante! »

J. Simões Ferreira.

AGRICULTURA

CONSIDERAÇÕES AGRONOMICAS SOBRE O CONCELHO DE CASTELLO DE VIDE

(Conclusão)

XI

Após as reformas agricolas, ennunciadas nos numeros precedentes d'este periodico, congruentes a mudarem a physionomia actual dos campos do nosso districto, e d'este concelho, antolha-se-nos tambem como de maximas vantagens para esta villa o estabelecimento d'um horto de ensaio e creação de arvoredo.

Esta ideia já foi desinvolvida num relatorio, que tivemos a honra de em tempo confeccionar, e apresentada ao govêrno pela commissão filial agricola d'este concelho, de que fôra digno presidente o sr. Le-Cocq, um dos mais illustres agricultores d'este paiz, na opinião dos homens distinctos na materia. O relatorio sumiu-se provavelmente no lymbo d'alguma secretaría d'estado, posposto sem dúvida por alguma d'aquellas *questões vitaes*, a que está presa a nossa autonomia, a nossa liberdade, e o progresso d'este paiz, como por exemplo, a questão da nomeação d'algum barão, ou preenchimento da vacatura d'um deputado. Seja como for, o que é facto é que a Sociedade Agricola do districto

---

recordação trazia-lhe á memoria passadas lembranças d'antigos soffrimentos.

Sentiu-se de novo bater á porta e uma terceira pessoa lacrimosa e desolada veio completar este quadro de lagrimas e martyrio.

Era Luiza, que entrava com uma trouxa debaixo do braço...

— Que é isto? filha! Então já sabes tambem?

— O que? minha mãe!

— Que Raymundo está prêso!

— Prêso! meu Deus! Porque?

— Socegue, sr.ª Luizinha! por nada! não foi por nada!... foi por causa d'estes barulhos, que têm havido... é que...

— Oh! meu Deus! que desgraça! e é agora que eu estou desarranjada... que não posso ganhar nada para minha mãe!... Coitadinha! se o sr. Raymundo lhe falta ella morre aqui de fome!...

— Que dizes, Luiza! tu estás desarranjada?... sahistes de casa de D. Violante?

É verdade, minha mãe! Hontem a sr.ª disse-me que procurasse commodo, porque lhe não pagavam as suas apolices, e tinham posto ponto ou não sei que, e que porisso se ia retirar para a quinta e não podia sustentar duas creadas.

Disse, e os soluços lhe embargaram a voz. Margarida, essa nem já fôrças tinha para chorar: junctava-se á dor de sua alma o receio da miseria... da fome...

Então viu-se um raio de alegria brilhar na fronte annuveada de Pedro: dir-se-ia, que alguma acção boa lhe volteava na mente!

— Não se afflijam, vizinhas! O sr. Raymundo hoje quando eu lá estive encarregou-me de lhes trazer este dinheiro, e disse-me para lhes dizer, que lhes não désse cuidado cousa alguma; porque elle arranjára que lhe pagassem, ainda mesmo em quanto prêso o lucro do seu trabalho.

— Deus seja louvado! Ao menos não lhe faltará nada na prisão!...

— Nem a v. m.ces... e, se alguma cousa, lhes for precisa, lembrem-se que lá em cima na agua-furtada mora um amigo verdadeiro, que o que deseja é servil-as! Nada de acanhamento! é pedir para diante, quando for necessario... que prestimo não terei muito... mas boa vontade... essa é de sobra... e os pedidos dos amigos esses nunca encommodam!...

Isto dizia Pedro com uma cara que queria parecer alegre. Era como um bonito sol de maio a querer romper por entre espessas nuvens de carregada trovoada, e ellas a ateimarem de lhe offuscar o seu brilho! Tambem Pedro cahiu logo em profunda melancholia.

Luiza, ao ouvir as palavras do typographo, córou, empallideceu, olhou-o extatica, retirou a vista e, com uma voz, em que a emoção do reconhecimento se misturava á da ternura, balbuciou por fim:

— Muito lhe devemos, sr. Pedro!

— Muito mais lhe devo eu, Luizinha!... devo-lhe a vida!...

Cáia agora aqui o panno, e feche-se o acto para irmos fallar de outros dois personagens de ha muito esquecidos.

VI

Não serei eu quem vá lacerar a alma de algum de meus leitores com minuciosas recordações d'essas luctuosas scenas de 1846 a 1847.

Não escrevo historia e muito menos politica: esbóço apenas este apontoado de factos com aspirações a abôrto romantico para distracção minha e desenfadado de quem tiver a paciencia de o ler; por isso evitarei escrupulosamente o bosquejar ainda de leve qualquer scena tumultuaria... fugirei até de citar datas, porque 'nessa epocha desastrosa ha dias, que ficaram gravados com letras desangue e de lagrimas no coração... e o recordar taes dias deve fazer mal... muito mal ao espirito.

Alheio a crenças partidarias, que por felicidade nossa hoje jazem extinctas, sómente aponto os resultados fataes d'esse, talvez o mais encarniçado, inimigo das virtudes d'alma o fanatismo politico!

Niso e Eurialo onde estavam? corriam ainda junctos a senda dos prazeres? Castor e Pollux que era feito d'elles? Voavam unidos ao campo inglorio das luctas fratricidas?

Não... infelizmente, não! Os dois amigos intimos, esses que uma só vontade dominava eram desgraçadamente dois inimigos politicos... e em tempos de cataclysmo os odios politicos suffocam todo e qualquer outro sentimento do coração! Esses mancebos, ainda hontem tão unidos, eram hoje irreconciliavelmente separados... beber-se-iam reciprocamente o sangue, como se um pertencesse á familia de Atreu, e outro á de Agamemnon, só porque mutuamente e com sarcastico insulto se alcunhavam de *pé fresco* e *de pé de prata!...*

Com effeito José de Mello, já por inclinação de ideias, já por dever de seguir as suas bandeiras, pronunciára-se pelo partido vulgarmente denominado *patuleia*, e as mesmas razões haviam decidido Manuel pela facção *cartista;* e d'esta desunião de pensar politico esses dois moços, esquecidos que eram ambos portuguezes, que o mesmo sangue lhes corria nas veias, que os mesmos brinquedos os haviam entretido na infancia, tinham-se tornado o flagello um do outro! Primeiro era ainda debaixo de mesmo tecto, 'nessa casa da rua da Barroca, que outr'ora só escutára as vozes accordes dos dois amigos a fallarem de algum divertimento, que discussões insultuosas e acaloradas disputas começaram de ter logar: depois impossivel se tornou viverem junctos, e por fim em breve teriam de se encontrar com as armas na mão em face um do outro!

O regimento de José sahíra de Lisboa. Apesar das emoções politicas, que preoccupavam os espiritos 'naquella occasião o de José não póde deslembrar uma affeição antiga e suppondo que Luizinha ainda estava em companhia de sua ama na sua quinta de Barcarena, foi-se alli despedir alguns dias antes da sua partida.

Como porém soubesse da ausencia da formosa camareira, uma ideia de vingança lhe passou pela mente, e buscando roubar a affeição da mulher que seu primo amava, aproveitou a surpresa que a sua inesperada visita causou a D. Violante, pintando-lhe com vivas côres uma paixão ardente e pedindo-lhe a permissão de lhe escrever mesmo entre os perigos da guerra.

D. Violante, ou porque sympathisasse com José, ou porque, aborrecida da solidão em que se via na aldeia, se achasse predisposta pelas impressões que causa a habitação nos campos, ou finalmente pelo extraordinario e extravagante da occasião para uma declaração de amor e pela phantasia caprichosa de ter um namôro entre as phalanges belligerantes, acceitou a declaração, e consentiu na correspondencia.

(*Continúa*)

approvou plenamente o relatorio, como já tinha approvado outro da nossa commissão filial, e que a folha official do govêrno nunca teve espaço nas suas columnas para dar publicação a estes trabalhos, que, se eram mesquinhos pelo seu valor intrinseco, poderiam pesar alguns quilates pelo estímulo.

O sentimento que tem arrastado muitos proprietarios a sacrificarem os recursos do futuro ás necessidades do presente, mal intendidos interesses agricolas, o estímulo de lucros immediatos, que as nossas industrias de construcções têm accrescentado ás madeiras, criaram tambem no nosso paiz a vertigem contagiosa da destruição das matas e arvoredos. É na nossa provincia onde mais sobresahem estas aberrações.

Encarecer as vantagens das matas e arvoredos, é querer demonstrar um axioma. As arvores exercem uma influencia benefica na temperatura, na formação das tempestades, e na constituição da athmosphera. Quebrando ou attenuando a furia dos ventos, regularisando a distribuição da agua, quer no estado líquido ou de vapor, pondo obstaculos á evaporação, facilitando as infiltrações, que alimentam os mananciaes, fazendo face a estas aguas torrentosas, que despenhando-se das alturas, formam as correntes devastadoras, que são a origem das inundações, amparando sôbre os flancos abruptos das montanhas as terras, que embaraçam de ser arrastadas para os plainos: as arvores têm o quer que é de providencial; simelham o genio bom das populações.

A ignorancia d'estas verdades tão palpaveis, e o engôdo que arrasta muita gente a transformar os terrenos d'arvoredo em terras araveis pela illiciadora circumstancia de existirem 'nelles succos nutrientes, que dão immediatamente uma boa producção sem necessidade de estrumes, têm tambem sido a origem d'essas apparições modernas chamadas desertos, aridos, monotonos, abafadores, em que o infeliz viajeiro não encontra sequer uma gotta d'agua para se desalterar, e depois d'um desesperado caminhar de muitas horas sauda com phrenesi a remota apparição d'uma arvore, especie de naufrago que escapou milagrosamente ao cataclysmo que sumiu na sua voragem milhares de víctimas.

A existencia por tanto d'um hôrto, subvencionado pelo govêrno, e 'num terreno tão apropriado para esta cultura, como é o terreno de Castello de Vide, faria florescer aqui arvores florestaes, não só exoticas, mas tambem as que se dão 'nalgumas terras do norte do paiz, cujas sementes o concelho sollicitaria, ou o govêrno protector nato e official da silvicultura nos subministraria.

XII

Castello de Vide é uma das terras d'este districto mais importantes, e por isso muito digna d'attenção da parte dos podêres publicos, em relação á sua agricultura. É preciso pois que o govêrno a alente com aquella protecção e fomento, de que se mostra tão prodigo para com outras, que realmente menos valem, debaixo de qualquer fórma, que sejam consideradas. Nem o govêrno se deve amesquinhar 'nestes incitamentos, que conduzem á prosperidade dos povos, nem tambem os proprietarios devem, 'numa beatitude patriarchal, que póde ser traduzida por ignorancia ou indolencia, esperar tudo do govêrno.

Esta terra deve pois continuar 'naquella senda agricola, que trilha principalmente ha vinte annos a esta parte; e se é facto que até aqui apenas tenha sido vislumbrada pela myopia d'aquelles, que, para serem homens d'estado, têm obrigação de estender bem a vista por todos os angulos e recantos do paiz, tambem não é menos verdade, que não deve estar longe o dia em que esta notavel villa haja de receber toda a consideração que merece. O caminho de ferro de leste tranformará forçosamente esta zona na *grande Cintra do paiz*.

Os adiantamentos da cultura, 'neste concelho, são visiveis e palpaveis, ha alguns tempos a esta parte. A cultura do sorgho saccarino e da betterraba tem sido ensaiada com prosperos resultados no Prado, pelo seu proprietario o sr. Le-Cocq; e a agua ardente da primeira planta é considerada, por pessoas intelligentes, de excellente qualidade, e superior á de beterraba, porque esta apresenta algum sabor á planta. Estas culturas, em vista do alto preço que conservam os espiritos, são por tanto rendosas, e é muito conveniente que o seu uso se generalise. Em quanto houver esterilidade nos vinhedos, a aguardente de sorgho deve sempre apparecer com vantagem no mercado.

Existem tambem 'neste concelho alguns prados de luzerna, que na quinta do sr. Le-Coqc têm chegado a produzir onze córtes annuaes, sendo regados. A cultura das coniferas do norte é tambem próspera 'neste concelho, devida sem dúvida ás boas condições e qualidades do terreno, geralmente accidentado e montanhoso.

Castello de Vide — dezembro — 1861.
J. A. Sanctos e Silva.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA

THESOURO PÚBLICO

DIRECÇÃO GERAL DOS PROPRIOS NACIONAES

2.ª Repartição

DESAMORTISAÇÃO DOS BENS COMPREHENDIDOS NAS DISPOSIÇÕES DA LEI DE 4 DE ABRIL DO CORRENTE ANNO, PUBLICADA NO DIARIO DE LISBOA DE 2 DE JULHO

Em cumprimento da citada lei, e na conformidade das instrucções de 9 de Julho d'este anno, publicadas no dicto *Diario* de 11 do mesmo mez, se annuncia que hão de ser arrematadas no dia abaixo declarado as seguintes propriedades, pelo maior lanço que se offerecer. O preço da arrematação deve ser pago no praso de quinze dias, em titulos de divida fundada, computados pelo valor do mercado.

LISTA 32

ARREMATAÇÃO DO THESOURO PÚBLICO

NO DIA 29 DE JANEIRO DE 1862

ÁS DEZ HORAS

DISTRICTO DE EVORA

CONCELHO DE PORTEL

Bens pertencentes ao convento das religiosas de S. Bento de Castriz, extra-muros da cidade de Evora

300 Herdade do Gorduxinho, situada na freguezia da Atalaia, compõe-se de montado e terras de semear — 3:064$000.

CONCELHO DE ARRAIOLLOS

Bens pertencentes ao convento das religiosas de Sancta Clara em Evora

301 Herdade do Zambujeiro, situada na freguezia de S. Pedro da Gafonheira, compõe-se de montado, terras de semear e officinas de lavoura. Esta herdade paga os seguintes quinhões: aos herdeiros de José Maria Rangel trinta alqueires de trigo e vinte e dois e meio alqueires de cevada, e a Manuel Salema da Gama Lobo vinte e cinco alqueires de trigo e doze e meio alqueires de cevada — 1:022$600.

CONCELHO DE VILLA VIÇOSA

Bens pertencentes ao convento das religiosas de Nossa Senhora da Esperança em Villa Viçosa.

302 Um olival que fica á cruz da Carvalha, proximo ao marco de Borba, 600$000.

303 Um olival grande que fica á estrada Augustinha, no caminho de Borba, 500$000.

CONCELHO DE REDONDO

Bens pertencentes ao cabido da sé de Evora

304 Herdade de Cabeça de Cardeaes, situada na freguezia do Freixo, compõe-se de montado e terras — 5:616$400.

DISTRICTO DE SANTAREM

CONCELHO DE CORUCHE

305 Herdade da Requeixada, situada na freguezia da Assumpção, compõe-se de terras de semear, 8:150$400.

306 Herdade da Courella da Parreira, situada na freguezia da Assumpção compõe-se de terras de pão, 2:000$000.

CONCELHO DE BENAVENTE

307 Herdade da Barrosa, compõe-se de terras de pão, 4:152$000.

Somma réis..... 25:105$400

Declara-se que os arrematantes não ficam sujeitos ao pagamento do imposto de 1 por cento (artigo 15.º das instrucções de 9 de julho últimO), nem ao imposto do registro (n.º 3.º do artigo 3.º da carta de lei de 30 de junho antecedente).

Segunda repartição da direcção geral dos proprios nacionaes, 5 de dezembro de 1861. = *Joaquim Pinheiro Silva.*

COMMUNICADO

SUFFRAGIOS EM ALMODOVAR

No dia 28 do passado mez de novembro, celebrou-se na egreja matriz d'Almodovar uma missa com responsos por alma do sempre chorado Monarcha, o sr. D. Pedro V.

A egreja achava-se decorada com toda a pompa e magestade, proprias d'um tão solemne acto. No centro do sagrado recinto elevava-se uma singela eça funeraria, aonde destacavam sôbre o feretro as effigies de dois anjos, sustentando um uma corôa de saudades e o sceptro, o outro uma coroa de perpetuas, e a régia coroa. Foi encarregado do elogio funebre o sr. Padre Correia e Silva, sacerdote digno de todo o respeito e estima pelas eminentes qualidades que o caracterisam.

O sabio e talentoso sacerdote soube mais uma vez elevar-se á altura dos seus dotes oratorios, arrancando sentidas lagrimas d'um numeroso auditorio, que tão eloquentemente descriptas ouvia, em phrases de arrebatadora sinceridade, as raras virtudes do joveu Rei, que no alvorecer da vida baixava ao tumulo orvalhado pelas lagrimas espontaneas de um povo inteiro!

A concorrencia do clero da villa e seus suburbios foi numerosa.

Assistiram ao religioso acto todas as auctoridades, corporações, e diversas pessoas de todas as classes.

Louvores pois a quem tão dignamente soube tributar ao illustrado e infeliz soberano a dupla homenagem d'amigo e vassallo.

Pela inserção d'estas poucas linhas, lhe ficará summamente grato, senhor redactor, aquelle que é

De V. mt.º obrigd.º e amigo
M. J. Carrilho.

VARIEDADES

ERMELINDA (*)

I

Era em fins de Dezembro. Dona Julia
Sentada ao pé do lar contava contos
Aos filhinhos, que em roda adormeciam.
Linda ia a noite: o ceu limpo de nuvens
Retingia d'azul o puro espaço,
D'onde ardentes espheras, que rolavam,
Torrentes d'alva luz enamorada
Sôbre a terra choviam. Não soprava
O vento da estação, que sóe ser frio.
Era uma noite aquella, como poucas
Se desdobram no inverno á luz serena
Da suavissima lua, ao som das aguas.
Hora, que lembra ao poeta o infinito,
Que lhe dilata a alma, e em doce enlevo
Lhe inspira aquellas magicas toadas,
Que é dado a raros pôr em lingua d'homens.
Era uma noite d'estas. No palheiro,
Que era á casa contiguo, estatelado
Jazia eu em todo o meu descanso
Involvido na sombra d'uma rima
De velhas cepas encostada ao muro.
O bom d'Ambrosio Pinto era a meu lado.
« — Que irá lá no mar largo a taes deshoras,
Onde a barca ligeira, entregue aos ventos,
Deve 'neste momento vir sulcando
As arriscadas aguas? — » Estas fallas
E outras d'este teor (mas não em verso)
Estava eu fallando, em pós de longa pausa,
Aos ouvidos d'Ambrosio.
Quem diria
Que 'naquelle remanso, em bella noite,
Me vinham de contínuo anciadas maguas
Pungir o coração amargamente?
Tu, Ermelinda, que em meus sonhos vinhas,
Como anjo de luz, a perfumar-me
Com ambula d'aromas lá de cima
O suspiroso seio, que embalavam
Tuas magicas fallas... mas sonhadas...
Sonhadas, sim! e a ausencia, ao despertar-me,
Do coração as lagrimas contidas
Agora desprendia em pranto amargo...
Tu, Ermelinda, as sabes que em distancia
Duas almas, que o amor uniu em uma
Nada lhes corta o laço enfeitiçado,
Que mãos d'além prenderam. Tu as sabes,
Que qual eu te oiço aqui, te vejo e entendo,
Sei que lá da saudade a doce magua
Te faz sentir minha alma, e 'neste anceio
Padecer dor egual, eguaes augústias...
Chora tambem nas praias afastadas,
Bella virgem d'amor, chora commigo!
E não dava resposta o tal pascacio!
Das encurvadas ventas entornava
Uns tão medonhos roncos, que um momento
Por uivos d'algum lobo ia tomal-os...
Natural illusão... nunca ouvi lobos!
Ergui-me arripiado; as mãos ás cepas
D'improviso lancei: mais promptas armas
Não as havia alli, nem talvez outras.
Sôbre o cepo d'Ambrosio as cepas ruem;
Como chuva d'inverno se despeja
Nas mal guardadas costas do viajante,
Assim sôbre elle cahem. Vi-o erguer-se,
E abraçado com furia á mobil rima,
D'uma figura tal Camões diria:
—Junto d'um bronco cepo as broncas cepas!—
Oh! perdoa, Camões fazer entrar-te
Em taes grosseiros carmes! mas desculpe-me
O teu exemplo mesmo. Ás sanctas aras,
Onde a imagem da Virgem collocaste,
Porque é que em tão seraphica postura,
Com grande affronta das piedosas almas,
Fizeste approximar o padre Baccho?
Em vão o bom Garrett quer defender-te;
Ah! Macedo, Macedo, é tua a causa!

E era com effeito um cepo o meu amigo;
Um pouco ainda abaixo de tres quartos
Da vulgar estatura se ajustava
A achatada cabeça involta em carnes.
As curtas pernas, curtas, mas rotundas,
Como fustes quebrados de columnas
De portico pesado, só metade
Lhe divisava o olho embasbacado
Do ditoso mortal, que ao perto as visse.
Sumiam-se-lhe as curvas adiposas
Meio enterradas pelo vasto abdomen.
Mas em quanto ao moral, era dos homens
Em cuja bôcca o delicioso Karr
Pôe taes palavras d'importuno orgulho;
—Je suis petit, mais fort... que não traduzo,
Porque hoje em Portugal é mais sabida
A linguagem franceza, que a materna...
O que eu quero dizer é que uma e outra
Andam por mãos d'indoutos aos retalhos.
E disse eu depois d'isto a Ambrosio Pinto:
«—Eia, amigo, vae alta a noite... embalde
Temos perdido aqui o tempo á espera
Da descuidosa Lydia. Ao longe vamos,
Hei medo que nos ouça alguem, ou veja,
Ou nos fareje acaso algum molosso
Da alheia habitação.
— Trago as pistolas,
E tenho estes dois braços, Não receies!...
Mas... ouve!.. eu sinto alli...
— Talvez o vento...
— Não é, vi 'neste instante um vulto negro
Lá embaixo passar entre os pinheiros...
Olha, vem para nós...
— Não vejo nada!
—Vamos!... não é por medo... mas o escuro...
Cortou-lhe a phrase a apparição de Lydia.

S.

(*) Este romance ou poema, ou como queiram baptizal-o, começou a ser publicado no n.º 10 do *Phosphoro* em abril d'este anno. Mas, como então o auctor não podesse continual-o, e cessasse a publicação d'aquelle jornal, vae agora transplantal-o para este, onde é seu intento dal-o por inteiro. Razão porque de novo se imprime aqui este 1.º canto.